

MARGARET GEORGE



HELENA DE TRÓIA

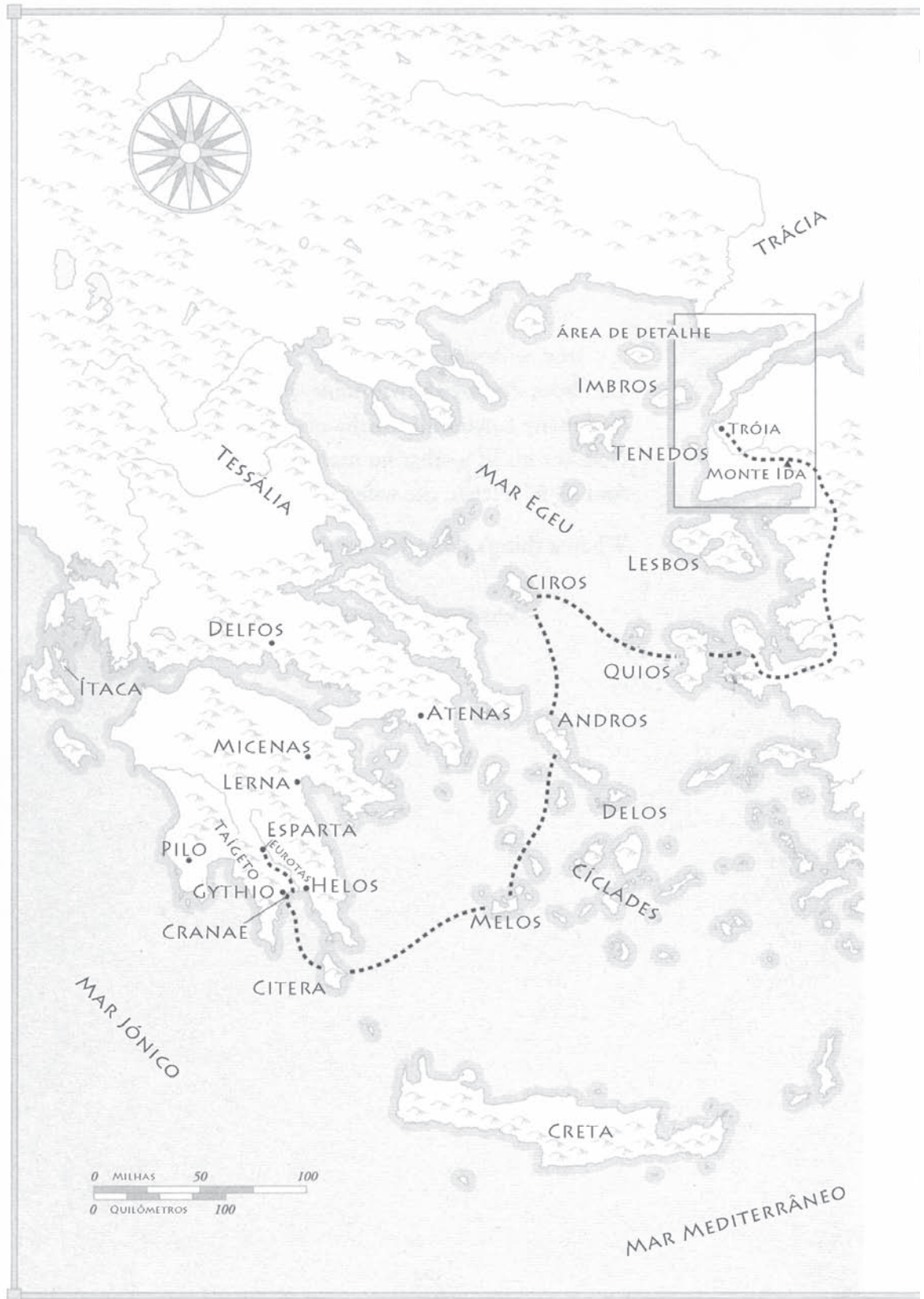
VOLUME II



Tradução de Isabel C. Penteado



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



O MUNDO DA GUERRA DE TRÓIA

MAR NEGRO

PAFLAGÓNIOS

MÍSIOS

AMAZONAS

FRÍGIOS

MEÓNIOS

CÁRIOS

LÍCIOS

IMBROS

HELESPONTO

SIMOENTE

TENEDOS

TRÓIA

ESCAMANDRO

MONTE ÍDA

TEBAS

CHIPRE



VIAGEM DE HELENA
E PÁRIS DE ESPARTA
PARA TRÓIA





COM os rumores acerca da frota grega, Tróia parecia inchar de orgulho e entusiasmo. Há demasiado tempo dormindo pacificamente, há demasiado tempo preparada com muralhas altas, torres imponentes e armazéns de armamento, a cidade via com bons olhos a acção vindoura. Desperta da sua névoa dourada, agitava-se como um leão ávido por caçar. Evidentemente, estes desejos tinham sido contidos durante uma geração e os jovens saudavam-me e a Páris quando passávamos por eles nas ruas, gritando que iriam defender o seu «tesouro grego» até à morte. Mas, pelo modo como se riam, era evidente que não achavam que seriam eles a morrer. Diziam que aterrorizariam de tal forma o inimigo que este fugiria — contudo, não sem uma ou duas batalhas violentas. Os troianos não queriam ser privados de uma grande batalha em que o final era um desfecho já esperado. Que mais poderia ser? Todos sabiam que os gregos brigavam e lutavam entre si, e que eram uma gentilha que nunca tinha reunido um exército com jeito. Um troiano valia dez gregos, tornou-se a sua cantilena.

As oficinas trabalhavam em pleno, os artesãos e os ferreiros de Tróia estavam mais atarefados que nunca e o comércio era rápido. A Tróia chegavam pessoas aos magotes para arranjar mercadorias e trocar as suas. Formou-se um mercado em volta da esfinge nova, no pátio aberto, que estava apinhado de manhã até ao fim do dia. Depois Príamo insistia para que as pessoas saíssem para as portas poderem ser fechadas durante a noite. Mas todas as manhãs as pessoas regressavam e parecia que o número não parava de aumentar.

As mulheres de Tróia gostavam do facto de o mercado ir até elas e de poderem fazer compras sem terem de deixar a sua cidade. Os maridos proibiam-nas de gastar com bugigangas e futilidades, mas os seus sermões eram ignorados.

Estranhamente, foi uma época feliz em Tróia.

Para além disto, Tróia começou a fortificar-se. Trabalhadores oleavam as articulações das grandes portas; carpinteiros talhavam novos ferrolhos para trancar as portas. Pedreiros acrescentavam um novo parapeito de ti-

jolos de barro no cimo das muralhas de pedra. O fosso que circundava a parte baixa da cidade foi aprofundado e foi acrescentada mais uma fileira de estacas atrás da que já existia. O próprio Príamo desceu e dirigiu-se às pessoas que viviam na parte baixa, avisando que o perigo era iminente. Teve cuidado em evitar a palavra *guerra*. Ou mesmo *cerco*.

Os degraus até ao poço escondido ao lado do templo de Atena foram reparados e o poço dragado; novos baldes e cordas foram providenciados para puxar a água. Os mais atarefados eram os comerciantes que tinham a responsabilidade de arranjar alimentos. Espalhavam-se pela região e voltavam com carroças cheias de cereais e de azeite. Estes eram transferidos para enormes potes de pedra. O simples facto de os ver ali, em filas, enterrados até ao gargalo, as tampas seladas com alcatrão, dava aos troianos uma sensação de segurança, mas também contribuía para o espírito festivo.

Não se sabia mais nada de Agamémnon nem da sua frota.

Quantos seriam ao certo? Quem eram os capitães? Não saberíamos até chegarem ao nosso lado do Egeu e nós podermos enviar espiões para o meio deles. Príamo já estava a recrutar esses espiões, maioritariamente jovens sem obrigações familiares. Mandou chamar Gelanor para o ajudar a treiná-los, mas Gelanor disse-lhe que teria de incluir voluntários de idades diversas.

— O objectivo de um espião é integrar-se na perfeição — disse ele. — Um espião tem de ser uma pessoa totalmente comum, para que, mais tarde, se perguntarem a alguém como é que ele era, a pessoa coce a cabeça e diga, «Não me lembro». Homens bem-parecidos, arrogantes, com cicatrizes ou ruivos não podem ser espiões. Mas precisamos de gente mais velha e até de algumas mulheres.

— Mulheres?! — Príamo ergueu as sobrancelhas.

— Sim, mulheres. — Os exércitos não têm todos um grupo de mulheres, a quem se dá o nome nada lisonjeiro de «seguidoras do acampamento»? Que mais é um espião senão um seguidor de acampamento? Quem melhor para passar despercebido?

— Queres dizer... prostitutas? — Príamo fez um sorriso escarnecedor.

— Quem escarnece de uma prostituta escarnece de si mesmo — disse Gelanor.

Príamo levantou-se. — O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que aqueles que têm uma atitude altiva por vezes não vêem coisas importantes — disse Gelanor. — Quem tem maior facilidade de acesso aos generais do que as prostitutas? Quem escuta segredos murmurados no escuro? Alguns dos defensores mais leais de uma cidade têm sido prostitutas. — Tossiu discretamente. — Devia haver um monumento público reconhecendo o seu contributo.

— Está bem, encontra-as! Treina-as! Isto é, treina-as para obterem informação.

— E também vai precisar de homens mais velhos. Infelizes, gente mutilada, que lamente o destino cruel que os privou de membros ou da juventude. São geralmente antigos soldados que são utilizados em tarefas menores. Quanto mais amargurados estiverem com a vida, menos alguém suspeitará deles. — Fez uma pausa. — Decerto terá uma Tróia assim.

— Já há muito tempo que não há guerra em Tróia — disse Príamo.

— Há homens que ficam mutilados por outros motivos que não a guerra — disse Gelanor. — Temos de os encontrar.

— De quantos achas que iremos precisar? — perguntou Príamo.

— Contando com deserções, execuções e fracasso, eu diria... pelo menos duzentos. No fim somos capazes de ficar com uns cem.

Príamo anuiu com a cabeça. — Tê-los-ás, tê-los-ás.

*

Treinar espões parecia-me de mau agouro. Gelanor garantiu-me que não era. Disse que havia sempre espões amadores, que eram habitualmente apanhados e mortos, por isso, não faria sentido aprender com esses erros?

— Do modo como falas, parece até que estas pessoas são armas, como arcos ou espadas, sempre a precisar de melhoramentos — disse eu.

— Mas são mesmo armas — disse ele. — Talvez as mais mortíferas que temos. Afinal, o conhecimento do pensamento e da posição do inimigo determina a acção contra ele.

Ele tinha acertado no ponto. — Como podem estas pessoas da Grécia ser nossas inimigas? Nós somos gregos. Não as vejo como inimigas.

— Então era melhor aprender a vê-las assim — disse ele. — Agamémnon reuniu uma armada de soldados para invadir Tróia e levar Vossa Alteza de volta. Deseja ir com ele?

— Não — disse eu em voz baixa.

— Então não vai ser pacífico. Oh, eles vão enviar uma embaixada, que será mal recebida. Então a luta começará. Agamémnon ficaria profundamente desiludido se assim *não* fosse. E acho que os troianos também. Por isso precisamos de saber exactamente quantos homens ele tem e que táctica está a planear.

— Sim, entendo.

— Pode salvar vidas.

— Vidas troianas.

— Devia ser essa a sua única preocupação.

Oh, mas como era possível? Eu tinha parentes e vizinhos entre os gre-

gos. Possivelmente até os meus irmãos! Como podia preocupar-me apenas com a vida dos troianos? — Mas e tu... tu és grego, este também é o teu povo! — gritei eu.

— Essa é a minha dor — respondeu ele. — E o preço que pago por não ter deixado imediatamente Tróia, como era minha intenção.

— Podes mudar assim tão completamente de lado, mesmo que o teu coração esteja parcialmente no outro lado?

— Tento não pensar nisso — disse ele. — A minha tarefa é enganar Agamémnon e desarmá-lo antes que ele faça algum mal. Por isso seleccionarei e enviarei espiões, e ensinar-lhes-ei todos os truques que sei para que possam arrancar os planos de Agamémnon. — Sorriu. — Eu sei que Vossa Alteza não pretende ser reconhecida no futuro como a causa de uma guerra.

— Nunca! — concordei.

— Mas ambos sabemos que, ao longo das gerações, o conhecimento se vai perdendo e que permanecem apenas algumas memórias, e a memória da bela Helena como causa de guerra entre os gregos e os troianos pode perdurar. A não ser que a guerra seja evitada.

*

O Inverno veio e foi. Os mares abriram-se. Mas o horizonte permanecia limpo. Na planície, os troianos treinavam, aparentemente milhares de guerreiros exercitavam-se à ténue luz do Sol, treinando tiro com arco e luta com espada, armando barricadas e fossos colocados à sua frente pelos comandantes. Quadrigas corriam através da vastidão e as cercas dos cavalos eram transformadas em paliçadas. Entretanto, os ferreiros fabricavam grandes quantidades de espadas, escudos e armaduras, e os artífices preparavam novos carros o mais rápido que lhes era possível, os fabricantes de carros desenhavam rodas com oito raios, os trabalhadores de couro criavam os fundos e outros transformavam os suaves e moldáveis juncos de salgueiro acumulados nas margens dos rios em grades de protecção.

Representantes dos aliados de Tróia chegavam para prometer ajuda a Príamo. Eu conheci muitos destes embaixadores e devo confessar que, fora o facto de terem diferentes acessórios para a cabeça, pareciam-me todos idênticos, embora, como é óbvio, falassem línguas diferentes. As únicas verdadeiramente invulgares — e as que eu estava desejosa de ver — eram as amazonas da Ásia. Enviaram uma chefe de clã e um contingente de soldados para garantirem ajuda a Príamo se a necessidade surgisse.

Como eu ocupava em Tróia um lugar fora de qualquer protocolo normal, quando desejava ver alguém, tinha todo o direito a tal. Acorri ao *me-*

garón de Príamo assim que ouvi dizer que a embaixadora amazona tinha chegado.

Quando entrei, ela já se tinha apresentado a Príamo. Estavam a conferenciar sobre o número de guerreiras que ela poderia prover quando a hora chegasse. Entrei discretamente e avancei rente à parede, olhando fixamente para ela.

Era uma mulher muito alta e estava vestida com equipamento de guerra, embora não fosse uma armadura como as que eu conhecia. Usava um corselete de linho e um elmo, mas, para além disso, estava desprotegida. O cabelo comprido estava preso atrás numa trança. O braço dela era como uma coluna de mármore: liso e impenetrável. As mãos, que seguravam na espada, eram grandes com dedos curtos e grossos. Quando me mexi, e embora tivesse tentado não fazer barulho, ela virou-se para mim de espada em punho.

— Calma, Elate — disse Príamo. — Esta é Helena. Não há necessidade de desembainhar a espada.

A amazona empurrou o elmo um pouco para trás para conseguir ver-me melhor. Uma expressão de desdém atravessou-lhe o rosto. — Não, acho que não!

Aproximei-me dela. — Sou tua amiga, e não inimiga. — Sorri. — Devo confessar que toda a gente tem curiosidade acerca das amazonas. É verdade que não têm homens nas vossas aldeias?

— Oh, temo-los durante algum tempo. São úteis para algumas coisas. Eu acho que sabes do que estou a falar.

Acenei afirmativamente com a cabeça e ri nervosamente.

— Mas, para além disso, não precisamos deles — disse ela. — Consideramo-los incomodativos.

Desta vez ri-me com gosto. Ela divertiu-se com isso.

— Ora, Helena, nunca sentiste o mesmo? Não gostarias que eles desaparecessem depois de terem tido a sua utilidade? É tão mais simples.

Não consegui responder, de tanto que me ria.

— Alguns — disse eu. — Não todos, certamente.

— Nenhum homem vale a chatice que causa — disse ela. — Perdoe-me, Vossa Majestade. — Só lhe faltava piscar o olho a Príamo. — Bem, posso garantir um exército de cerca de cem guerreiras como estas. — Apontou para as suas guarda-costas. Todas altas e musculadas. — Treinadas desde a infância para lutar e matar — disse ela. — Cem amazonas valem por mil homens.

— Porque viriam de tão longe para proteger Tróia? — perguntei-lhe eu. A terra dela era muito distante dali.

— Não queremos aqui gregos — disse ela. — Eles que fiquem no lado

deles do mar. Minha senhora, embora sejas realmente muito bonita, ninguém acredita que eles venham cá buscar-te por uma questão de honra. Querem consolidar posição na nossa região. Nós queremos negar-lhes isso.

— Então aceitaremos de bom grado a vossa ajuda — disse Príamo.

Elate olhou para mim. — Não duvido que o teu marido te queira de volta e que seja uma criatura amorosa. — Fez um ruído de desdém. — Mas quanto aos restantes... só querem pilhar esta terra. — Sorriu. — Espero não estar a destruir as tuas ilusões.

— Não — disse eu. — Não.

*

As cegonhas brancas regressaram da sua viagem de Inverno e avançavam agora por entre os charcos. O céu cantava uma canção azul límpida. Todos os sinais de Primavera que nos deviam dar alegria eram agora sinais de que a nossa terra estava aberta à invasão. Agora a passagem era fácil, convidativa.

Tão rapidamente quanto as aves voavam de regresso, os rumores acompanhavam-nas. *Há navios no horizonte. Não, eram apenas ondas. Atracaram mais a sul, em Larissa. Vem uma grande multidão da Trácia. O meu filho viu-os com os próprios olhos, quando foi às fontes quentes e frias na montanha, lá estavam eles, espalhados na planície abaixo. Dizem que vêm dois numa embaixada especial. Que dois? Não sei, mas têm ambos cabelo ruivo. Muitos gregos têm cabelo ruivo. Pode ser qualquer um. Príamo recebeu alguma notícia? Não.*

À medida que os dias passavam, eu ficava cada vez mais nervosa. Então, um dia recebi uma convocatória surpreendente para me dirigir aos aposentos da rainha o mais depressa possível. Não havia qualquer explicação nem convite formal, apenas uma ordem.

Eu ainda não estava habituada a já não ser rainha e a ter de obedecer a uma. Em Esparta eu achara que a soberania não me tinha mudado, mas agora sabia que uma vez rainha, mesmo que por pouco tempo, é-se rainha para sempre, de coração. Mas Hécuba poucas vezes mandava chamar-me, por isso, de certo modo, isto era um bom sinal.

Quando cheguei à antessala, vi que todas as filhas dela aguardavam com nervosismo, agitando-se impacientemente. Príamo tinha doze filhas, mas nem todas eram de Hécuba. Não vi estranhas entre elas, por isso estas eram todas de Hécuba. Laódice aproximou-se de mim, os seus olhos enormes cintilando. — Queria que viesses! — disse ela. — Não será uma grande surpresa para a mãe?

— Sim — disse Ilona, juntando-se a nós. — Ela vai ficar ainda mais sur-

preendida quando souber que te fizeste passar por ela e mandaste chamar Helena.

Então, afinal, não tinha sido Hécuba. Senti uma forte decepção. Mas pelo menos as princesas aceitavam-me, particularmente Laódice. Contam-se histórias de homens que ficam imóveis na floresta a tentar ganhar a confiança de um animal selvagem. Eu sentia-me assim com a família real de Tróia.

— É o dia do aniversário da mãe! — disse Laódice. — E planeámos algo que a agradasse e surpreendesse.

— Sabes que é impossível surpreender a mãe — disse Creúsa. — Ela sabe tudo.

— Ela não sabe disto — disse Laódice teimosamente. — Venham, podemos decorar agora o quarto; ela foi aos aposentos onde se guarda a roupa e demora-se sempre por lá.

Enfeitaram o quarto com grinaldas verdes e flores do campo, e Ilona estava bastante atarefada com um grande tabuleiro. Não havia muito que eu pudesse fazer, e a minha tarefa era não parecer tão desconfortável quanto me sentia. Observei as mais novas, Filomena e Políxena, a brincarem à apanhada uma com a outra e começarem depois a fazer um jogo com ossinhos. Num momento eram crianças, e no seguinte eram meninas crescidas. Faziam-me lembrar Ifigénia e Hermíone brincando juntas e apossou-se de mim uma tristeza tão profunda que tive de me afastar. Ifigénia nunca mais poderia brincar, e Hermíone... o que estaria ela a fazer naquele preciso momento? Oh, se ao menos eu pudesse vê-la! Nem que fosse por um instante.

— Pareces triste! — disse-me Cassandra em tom de censura. — Porquê? — berrou.

— E tu pareces zangada — respondi eu. — Porquê?

— Ela está sempre zangada — disse Laódice, correndo em minha defesa. — Ninguém lhe dá ouvidos, é esse o motivo.

Andrómaca juntou-se a nós, e nessa altura Ilona disse: — Ela vem aí! Silêncio!

Ouvi passos suaves aproximando-se do quarto; depois Hécuba entrou. Olhou em volta com surpresa, mas, em vez de sorrir, franziu o sobrolho. — O que é isto, minhas filhas? — perguntou.

— Estamos aqui para a honrar neste dia em que faz sessenta anos.

— Ora! — disse ela. — Que me interessa isso?

— Bem, mãe, a nós interessa e desejamos honrá-la. — Creúsa ergueu o queixo com uma teimosia que tinha o cuidado de esconder de Eneias.

Hécuba avançou erecta até ao meio do quarto. Movia-se como alguém que não tinha idade, sem a energia da juventude nem o arrastar de declínio. Olhou em volta para nós oito e a sua expressão suavizou. — Então estão

todas aqui — disse. — E as esposas dos meus filhos. Os únicos dois que até agora conseguiram casar-se. Uma vergonha para os outros! — Finalmente sorriu. — Sinto-me abençoada com as minhas filhas, da mais velha, querida Creúsa, à minha bebé, Filomena.

— Nós somos mais abençoadas em ter uma mãe assim — disse Ilona.

— E nós, recentemente adoptadas pela grande família de Príamo, somos também abençoadas. — Andrómaca envolveu-me com um braço, falando também por mim.

— Agora que já terminou o mel, o que teremos como refeição verdadeira? — disse Hécuba abruptamente. — O que têm para mim?

— Um jogo — disse Ilona.

Hécuba acenou com a mão. — Jogos. Odeio jogos!

— Não são competições atléticas, mãe, mas um jogo de mente — disse Laódice.

— Algo em que a mãe é exímia — disse Creúsa.

— Céus, a adulação é tanta que me admira que o quarto não esteja já cheio de moscas! — disse Hécuba.

— Cada uma de nós colocou um pequeno objecto neste tabuleiro — disse Ilona. — Isto é, todas excepto Helena. — Sorriu encantadoramente para mim.

— Não tive a oportunidade de trazer nada — disse eu. — Isto foi tanto uma surpresa para mim quanto para si... mãe. — Ainda me era muito difícil tratá-la assim.

— Sim, agora serei eu a tua mãe — disse ela. — Já que perdeste a tua numa circunstância... numa circunstância... — Não era habitual ela atrapalhar-se com as palavras.

— Num acto impulsivo — disse Cassandra em tom monótono.

— Corajoso, mas errado — disse rapidamente Andrómaca.

Agora já todos sabiam o que tinha acontecido à minha mãe, o que ela fizera e porque o fizera. Era esse o meu tormento e a minha dor, agora já não uma coisa privada, mas do conhecimento geral.

— Pode chamar-me de filha — disse eu. Queria que parássemos de falar da minha mãe, antes que eu começasse a chorar à frente delas.

— Então, o que é isto? — Hécuba olhou para um tabuleiro coberto com um pano suave.

— Pode olhar para as coisas que estão debaixo enquanto contamos até dez, depois tapamo-las de novo.

— Para quê?

— Para testar a sua memória e termos a certeza de que não é como alguns conselheiros do pai, que estão tão aturdidos com a idade que já não conseguem lembrar-se por que porta acabaram de atravessar.

— Eu lembro-me de tudo, minhas queridas, por isso não pensem que conseguem trapacear-me. Não me admirava nada que acrescentassem ou tirassem algo do tabuleiro para eu começar a duvidar dos meus sentidos. Estou a avisar-vos, não vai resultar. — Tirou ela o pano e disse: — Comecem a contar!

Vi os olhos argutos perscrutarem o tabuleiro, examinando cada objecto. Antes de Laódice chegar a dez, Hécuba disse descontraidamente: — Podem levá-lo!

— Já? — Ilona estava incrédula.

— Não sou rainha de Tróia há quase quarenta anos sem ser capaz de me lembrar de cada coisa que se atravessa no meu caminho nem de cada palavra dita. — Abanou a cabeça. — Algumas preferia ter esquecido.

— Muito bem, mãe, então recite-as. Se se esquecer de alguma, não pode ficar com ela.

Ela fechou os olhos. — Ainda consigo ver todas da forma exacta como estavam dispostas no tabuleiro. Terão de me explicar o significado de cada uma que eu mencionar. Havia uma tigelinha com uns frutos secos. Pareciam-me passas de uva, mas não eram. Isso estava no canto superior esquerdo. Ao lado estava uma espécie de erva, amarrada num molhinho. No centro estava um embrulho de algo muito azul. E ao lado uma caixa de ébano com linhas em espiral a partir do centro. Uma pena branca muito comprida... — Estremeci ao ouvir a palavra. Mas ela prosseguiu, dizendo: — ...macia, flutuante. Um ovo enorme, tão grande que deve ter vindo dos deuses. E havia também uma pulseira de bronze, a ponta de uma flecha, um par de brincos, também de bronze... — Continuou a nomear mais alguns objectos, bastante vulgares. Quando terminou, abriu os olhos. — Então?

Ilona estava a olhar fixamente para o tabuleiro. — Não falhou nada.

— Pronto, pronto, não fiquem tão desapontadas. Então, quais são presentes para mim, qual de vós os escolheu e o que significam?

— Eu dei-lhe a erva, mãe — disse a pequena Filomena. — Apanhei-a nos campos e vai acalmá-la e dar-lhe bons sonhos se a puser na água e a deixar repousar ao sol e depois beber lentamente.

— Obrigada, meu amor. Preciso de mais sonhos bons.

— Eu dei-lhe as cerejas, mãe — disse Políxena.

— O que são cerejas?

— Um fruto que cresce mais para o interior, para lá do Mar Negro. Encontrei-as numa barraca da feira. São doces e, disse-me o vendedor, vermelhas quando são frescas.

— Para lá do Mar Negro! Ouvi dizer que há outro mar, um pouco mais pequeno, mais para leste, mas não sei como se chama, nem se terá algum

nome — disse Hécuba. — Obrigada. — Ilona entregou-lhe a pequena tigela e ela enfiou uma cereja seca na boca. — Saborosa — disse.

— Eu dei-lhe a pena de avestruz — disse Ilona. — Dizem que o faraó do Egito usa leques de penas de avestruz, e eu pensei que a rainha de Tróia também merecia uma.

— E, para condizer, eu dei-lhe o ovo de avestruz. — Creúsa pegou no ovo e girou-o. — É realmente maior do que o de qualquer outra ave, até mesmo de uma águia ou de um grou.

Ou o de um cisne, pensei. *Eu vi a casca do ovo, é azul, azul jacintino...*

— Não creio que vá chocar — disse Hécuba. — O que é o objecto azul enrolado?

— É um tecido que vem ainda mais do Leste do que as cerejas — disse Laódice. Desdobrou-o e sacudiu-o no ar, onde ele flutuou com a mesma leveza das plumas da pena de avestruz. Parecia uma bruma azul, transparente e flutuante. — Disseram-me que era seda. Oh, mãe, se eu pudesse ter um vestido de noiva feito disto!

Todas se riram. Laódice estava consumida com os planos de casamento, mesmo ainda não tendo noivo.

Hécuba tocou-lhe, maravilhada. — Espantoso — murmurou.

— E, mãe... — Cassandra aproximou-se para lhe entregar a caixinha de ébano.

— Uma caixa. Devo ter uma centena delas, mas é realmente muito bonita.

— Veja o interior. — Na sua ânsia, Cassandra quase arrancou a caixa das mãos da mãe para abrir mais depressa a tampa.

Hécuba tirou do interior uma pedra redonda azulada.

— Tem uma estrela lá dentro — disse Cassandra. — Veja, se lhe segurar assim... — Inclinou-a. — Vê? Uma estrela de seis pontas.

— Que pedra é esta?

— Não sei como se chama, mas o homem disse-me que era um talismã poderoso, tão poderoso que protege quem o usa mesmo depois de ser passado a outra pessoa. Mãe, que a proteja.

Cassandra, a vidente, oferecendo à mãe algo que a protegesse — o que teria visto Cassandra?

— Obrigada, minhas queridas. — Olhou para as seis filhas. — Parece que proporcionaram grande negócio aos comerciantes da nossa última feira.

Seria imaginação minha, ou ela tinha enfatizado última de um modo ominoso?

Hécuba voltou-se para Andrómaca e para mim. — Bem, e o que têm para mim?

Andrômaca hesitou e depois disse: — Parece que fomos convidadas ao mesmo tempo que a senhora, por isso não tivemos tempo de preparar nada. Mas deixe-nos...

— Só há um presente que quero de vocês duas — disse ela. — Filhos! Dêem-me netos!

Controlada, como sempre, Andrômaca não respondeu mais do que um tépido: — Era algo que lhe ofereceria com todo o prazer, se pudesse.

Antes que mais alguém pudesse abafar o momento constrangedor, as portas do quarto abriram-se e Príamo entrou a passos largos, rodeado de um grupo de cães de caça nervosos. — Para a minha rainha, a mãe de Tróia! — gritou, abrindo os braços.

— Sabes que não debes trazer esses animais aqui para dentro! — disse Hécuba, recuando. — Já te disse que não vou tolerar! — Enquanto falava, um dos cães abocanhou um canto do tapete e começou a mastigá-lo. — Fora! — gritou ela.

Príamo baixou-se e tocou ao de leve no cão, afastando-o do tapete. O cão obedeceu-lhe, abanando energicamente a cauda. — Oh, não sejas má, minha querida. Neste dia especial todas as criaturas desejam prestar-te homenagem. Vês?

Mesmo atrás dele entraram todos os seus filhos, seguidos dos anciãos de Tróia. Subitamente, o quarto estava a rebentar pelas costuras. Heitor, resplandecente num manto branco, avançou para abraçar a mãe, e os irmãos seguiram-no depois em ordem: Deífobo, vestindo uma túnica de pele e com o habitual olhar sardónico; Páris, com umas calças ao estilo oriental que usava habitualmente em privado, com uma pele de pantera caída sobre um ombro; Heleno, com o manto negro de vidente adornado com estrelas prateadas; Troilo, usando ainda a túnica da juventude; os quatro que não passavam de nomes para mim — Hipónoo, Antifo, Pammon e Polites — e o mais novo de todos, Polidoro, as suas faces ruborizadas com a excitação de uma festa e da sua participação nele. Caminhou solenemente até Filomena e deu-lhe a mão, levando-a até Hécuba.

Fez uma vénia e, de olhos bem fechados para conseguir recordar as palavras, recitou: — Nós, seu filho e filha mais novos, saudamos a nossa mãe neste ano especial da sua vida.

O lábio de Hécuba tremeu um pouco, mas ela contraiu-o. — Obrigada, meus amores, os últimos filhos que dei a Príamo. Todos os filhos sobreviventes que lhe dei estão aqui hoje, do mais novo ao mais velho. Somos muito abençoados.

— E — disse Príamo — temos muitos velhos amigos, que têm estado ao nosso lado ao longo destes anos de vida em comum, que também te

saúdam. — Acenou com a mão em direcção ao grupo de conselheiros que esperava ansiosamente.

— Timoetes! — O velhote, que só tinha um olho devido a uma antiga batalha com os mísios, fez uma vénia.

— Lampius! — Tão gordo que as rugas faziam relevo, anuiu solenemente com a cabeça. Se tivesse feito vénia, teria caído para a frente.

— Clítio! — Revelou as gengivas nuas ao cumprimentar a rainha.

— Hicetaon! — O seu rosto e forma continham vestígios da maravilha que tinha sido enquanto jovem. Mas os traços tinham suavizado e derretido, os músculos atrofiado, o cabelo enfraquecido. Sobressaindo desta visão arruinada estavam olhos perplexos por encontrarem o dono neste estado.

— Agora incluamos Zeus na nossa comemoração — disse Príamo. — *O meu Zeus.*

A família seguiu-o indulgentemente até ao pátio principal, onde se reuniam de poucos em poucos dias quando os mandava chamar para se sacrificarem perante a sua estranha estátua de madeira de Zeus. Príamo achava que aquela imagem era o seu protector pessoal e era-lhe extremamente leal. Eu achava-a perturbadora, com os três olhos e o cabelo revoltado, mas sabia que o deus de cada um só a si deve falar e que ninguém deve questionar o porquê.

Quando a grande família se reuniu em redor do altar, não pude deixar de compará-la à minha que estava em Esparta. Mesmo quando estávamos todos juntos, não passáramos de seis. O meu pai não tinha nenhum círculo de amigos nem de conselheiros. As nossas vidas em Esparta pareciam desprovidas quando comparadas com a de Príamo. Desprovidas de pessoas, mas também dos luxos que os troianos pareciam considerar necessidades. Pelo que eu tinha visto até então, não se privavam de nada. Talvez considerassem até que era prejudicial à saúde! Eu ainda não tinha a certeza se invejava ou se desaprovava o seu conforto.

— Dedicamo-nos a ti, Zeus, e temos a certeza de que continuarás a proteger-nos como sempre fizeste. — Príamo dirigia-se à imagem.

Como o convidado proibido, o problema vindouro, já tinha sido mencionado, Heitor gritou: — Independentemente do que venha por aí, eu posso defender Tróia apenas com os meus irmãos e os maridos das minhas irmãs! — Olhou em volta. — O que me dizem, meus irmãos? Estão prontos a seguir-me, a defender as muralhas da cidade do nosso pai?

— As muralhas da cidade pertencem a Apolo — disse Heleno. — Ele construiu parte delas e irá protegê-las.

— Não, *nós* é que vamos protegê-las! — gritou Deífobo. — Todos nós! Com as nossas espadas. — Voltou-se para Páris ao lado. — E tu, é claro, usarás o teu arco. Podes esconder-te na torre com os arqueiros da cidade.

Páris lançou-lhe um olhar furioso. A sua proeza com o arco não parava de o assombrar; era considerada uma forma menor de luta. — O meu braço é tão bom quanto o teu e posso usar a espada quando quiser. Tenho apenas mais uma habilidade que tu não tens, que é o arco. Podias praticar um bocado. Talvez eu possa ajudar-te a aprender.

— Vou também ter de vestir calças?

Todos riram às gargalhadas.

— Hás-de experimentá-las — disse Páris. — São muito práticas.

— Se queres parecer um oriental, ou um trabalhador comum.

— Eu fui um trabalhador comum, o que também é prático, mais do que alguma coisa que já tenhas feito. Afirmas ser um guerreiro, mas quando não há guerra, é uma ocupação inútil!

— Meus filhos! Parem com a discussão! Parecem duas crianças! — A voz forte de Hécuba calou-os. — É bom que pelo menos um dos meus filhos tenha passado tempo com o povo. Afinal, a maioria dos nossos súbditos é gente simples e devíamos conhecê-los melhor.

— Mas quanto a esta guerra... ou conflito... — O velho Hicetaon tremia. — Helena, se posso perguntar-lhe... — Subitamente todos os olhares se voltaram para mim; afinal, era eu a única pessoa que conhecia pessoalmente os homens que vinham nos navios. — Acha que estarão dispostos a desistir se os subornarmos... quero dizer, se lhes oferecermos pagamento? Conhece-os a todos.

Deveria dizer a verdade e estragar a feliz ocasião? Não havia outra saída, não agora. — O líder, Agamémnon, já tem muito ouro, gado e terras. Mas nunca lutou, nem liderou, numa grande guerra. É isso que ele quer. É o que mais deseja desde que o conheço. Sacrificou até a própria filha por causa disso. Não vai desistir por causa de ouro, pois isso não é novidade para ele. — Estava dito, e eu não tinha minguido por causa disso.

— Parem com os vossos medos irritantes! — Heleno ergueu as mãos. As mangas do manto cintilante baloiçavam. — Há profecias sobre Tróia e todas deverão cumprir-se antes de estarmos em perigo ou em declínio.

— Então diz-nos quais são! — rosou Deífobo, parecendo quase um dos cães de Príamo. — Não faças delas segredo!

— Sim, filho — disse Príamo. — Fala.

— Para começar, há aquela que diz que enquanto Palas Atena estiver aqui em Tróia, estaremos protegidos.

— Claro que ela vai ficar aqui! — gritou Troilo. — Ela não vai fugir!

— Não tem pernas. — Filomena riu baixinho. Era exactamente o que eu achava, mas nunca o poderia ter dito em voz alta.

— Outra diz que virá alguém atacar Tróia com as flechas de Hércules.

— Helena... não há um grego com essas flechas? — perguntou Heitor.

— Sim, foi o que ouvi dizer — disse eu. — Chama-se Filoctetes. Mas não sei se ele se terá aliado a Agamémnon.

— Depois há alguma coisa sobre cavalos trácios bebendo no rio Escamandro. Se bebem de lá, então Tróia está protegida.

— Os cavalos trácios estão sempre a beber do Escamandro — disse Páris. — Estamos a criar cavalos importados na planície.

— Eu acho que estes são cavalos trazidos pelos próprios trácios, não os que são criados por troianos.

— Os comerciantes que os trazem durante a feira devem dar-lhes de beber no Escamandro — disse Troilo. — Não vão até à fonte perto do templo de Apolo onde a água é mais pura. Eu levo lá os meus cavalos, mas eles não.

— O Simoente fica mais perto. Acho que eles vão lá — disse Antenor. Não o tinha visto chegar, tão silenciosamente se tinha aproximado. Tinha um jovem com ele, que eu depreendi ser o filho. Estranho que, com um pai tão elegante, o filho estivesse tão amarrotado. Talvez estivesse a tentar ser um anti-Antenor. Se não conseguimos suplantar os nossos pais, tornamo-nos o oposto deles.

— Temos controlo sobre essa profecia — disse Deífobo. — Se algum trácio chegar a cavalo, fazemo-lo ir até ao Escamandro. Que mais?

— Tem de vir o filho de Aquiles.

— Filho? Aquiles não tem nenhum filho — disse eu.

— Pelo menos que se conheça — disse Páris. — Mas pode existir.

— Os bastardos contam? — perguntou Timoetes, semicerrando o único olho que tinha.

— Não sei — admitiu Heleno. — Terei de descobrir o que diz exactamente a profecia.

— São só essas? — perguntou Heitor. — Acho que estamos protegidos contra eles.

— Há mais uma — disse Príamo, — mas não a pronunciarei em voz alta aqui em público. Basta que eu me lembre dela, e eu sei o que tem de ser feito para evitar que seja cumprida.



TRÓIA aguardava, já que a Primavera avançava e os navios deviam estar certamente a caminho da nossa costa. Era a terrível altura da espera antes da acção, quando todos os preparativos foram feitos e tudo o mais não passa de uma repetição nervosa, quando o corpo e a mente anseiam pela libertação da acção. Contudo, cada novo dia nada trazia por mar, nem ninguém se aproximando por terra. Havia rumores — mas nunca passavam de rumores — de que viria uma embaixada dos gregos. Quantos emissários, e quando viriam, ou se o rumor seria verdadeiro, ninguém sabia.

Nas ruas de Tróia as pessoas estavam tensas com a expectativa e já não sorriam ao passar por mim. Algumas pareciam virar repentinamente a cara, aconchegando melhor os mantos e encostando-se mais à parede.

No grande poço onde as mulheres subiam e desciam graciosamente, como se dançassem perante um deus, começaram a evitar-me. Numa linda manhã, quando descia cuidadosamente os degraus escorregadios, reparei que as mulheres à minha volta iam desaparecendo e vi-me completamente sozinha quando cheguei mais ao fundo e a luminosidade que chegava da abertura era já muito fraca. Os degraus ecoavam à medida que eu os percorria; habitualmente a grande quantidade de passos lá dentro faziam uma espécie de música.

As tochas presas nas paredes tremeluziam e a água bem lá em baixo reflectia as chamas vermelhas e douradas. Estava tudo em sossego; como sempre, já que a água corria suavemente de uma fonte tranquila.

Cheguei finalmente ao fundo, onde podia mergulhar o meu cântaro — eu não precisava de ir buscar água, mas para mim era algo relaxante e gostava de poder dizer a Páris que era eu quem providenciava a água para os jarros do nosso cómodo mais reservado; perfumava-os sempre com pétalas de rosas. De repente, quando submergia o cântaro — perturbando a superfície calma e criando pequenas ondas —, até a fraca luz que vinha de cima desapareceu. Ouvi um barulho quando a tampa de madeira tapou a entrada. Fiquei subitamente sem luz, à excepção da que vinha das tochas tremeluzentes, que se agitavam e protestavam como se estivessem com falta de ar.

Agarrei no cântaro e subi lentamente os degraus. A tampa do poço estava bem encaixada. Empurrei-a e não consegui erguê-la. Devia haver algo a fazer peso em cima. Ou deviam ter corrido algum ferrolho.

Alguém tinha-me trancado ali em baixo.

Quem? Porquê? E como podia eu sair dali? Comecei a bater na madeira, mas esta abafava as pancadas. Gritei. Decerto a minha voz conseguiria atravessar a madeira, mas ninguém respondeu, ninguém levantou a tampa que me aprisionava.

Sentei-me num dos degraus. A pedra estava fria e húmida. A ideia de estar ali presa debaixo do chão fez o meu coração começar a bater descompassadamente.

Mas obriguei-me a pensar com clareza. Aquele era um poço público, o principal perto do templo de Atena. As pessoas precisavam de o usar. Não poderia ficar fechado por muito tempo sem qualquer explicação. Assim sendo, quem quer que me tivesse trancado procurava manter-me totalmente invisível apenas durante um curto período de tempo. Mas o que iria acontecer de tão importante apenas durante umas horas? E porque precisava eu de estar invisível?

Devia haver alguém que eu não podia ver — ou que não podia ver-me. Os gregos. Teria chegado uma embaixada? Porque é que eu tinha de ficar escondida? Do que tinham medo? Certamente não de eu querer ir com os gregos! Toda a gente, excepto Páris, regozijar-se-ia com isso.

Mas... talvez não. Havia troianos que desejavam esta guerra e que não queriam que algo travasse o seu progresso.

Ou poderia ser alguém que não quisesse que os gregos me vissem, por recear que eles me levassem? Ou talvez... Oh, era inútil! Havia muitas razões para alguém querer impedir que eu visse os gregos, e que os gregos me vissem a mim.

A humidade entranhou-se no meu vestido e eu comecei a tremer. A minha resposta febril tinha também desvanecido, e agora o suor frio ensopava-me e fazia-me bater os dentes. Encolhi-me num degrau e aconcheguei-me o mais possível dentro do manto, mas era um manto fino — afinal, a Primavera já tinha chegado.

Pareceu-me esperar uma eternidade. Conseguia ouvir vozes abafadas de pessoas que iam até ao poço e que reclamavam quando o viam coberto. A luz desvanecia-se gradualmente em redor das fendas, e por aí pude constatar que a noite se aproximava. Longas horas se passaram. Podia beber água do cântaro, mas o meu estômago gritava por comida. Lá em baixo, as tochas tremeluziam e extinguíam-se. Fiquei na mais completa escuridão.

Só uns ténues fiapos de luz que atravessavam a tampa do poço me revelaram que a manhã tinha chegado. Nessa altura eu estava encostada con-

tra a parede e tremia descontroladamente. Porque é que ninguém se havia queixado do poço tapado? Mas — senti o coração cair-me aos pés quando me lembrei — havia outros poços em Tróia. Talvez alguém tivesse espalhado a notícia de que aquele poço tinha a água envenenada. Nesse caso eles mantê-lo-iam fechado durante bastante tempo.

A certa altura, apesar da madeira abafante, ouvi um grande clamor e gritos: berros e gritos de guerra. Depois não ouvi mais nada. Desesperada, comecei a bater na tampa. Mas ninguém ouvia; talvez não houvesse ninguém por perto. Continuei a bater na tampa e a gritar tão alto que me começaram a doer os ouvidos. Devia ter feito logo isto; naquele momento já estava muito mais fraca e era muito menos provável que alguém me ouvisse. Mas eu já estava em pânico. Sabia que não ia suportar mais uma noite ali.

De repente a tampa foi arrancada e eu vi a expressão frenética de Páris a olhar para mim. — Oh, minha querida! — gritou ele, desfazendo-se em lágrimas. — Quem te fez uma coisa destas? — Saltou para dentro do poço e pôs-se ao meu lado. — Sentes-te bem? Consegues sair? Não, não te preocupes, eu levo-te. — Sob os meus protestos, dobrou-se, pegou em mim e levou-me para o exterior. Nunca a luz do Sol me pareceu tão bela.

Uma multidão de rostos curiosos rodeou-nos. Em silêncio, afastaram-se para que Páris passasse comigo.

— O que aconteceu? — perguntei eu. — Tinha ido buscar água quando subitamente a tampa do poço se fechou. Foi um acidente?

— Não foi nenhum acidente — disse ele. — Menelau e Odisseu estiveram aqui. É óbvio que alguém não queria que os visses, nem eles a ti.

Menelau! Aqui! — A sério?

— Sim — disse ele. — Menelau exigiu que aparecesses e lhe disseses, pessoalmente, que estavas aqui de livre vontade. Disse que sem o ouvir da tua boca nunca acreditaria que a sua leal e adorável esposa não estava aqui prisioneira. Príamo mandou chamar-te, mas quando os homens dele regressaram sozinhos, Odisseu acusou-o de estar a zombar da embaixada e disse que isso provava que eras uma prisioneira que eles não se atreviam a mostrar.

— Porque é que não disseste nada? — Eu esperava que Páris dissesse que tinha falado, mas só de olhar para ele, Menelau ficava furioso.

— Eu não estava lá — disse ele. — Alguém me drogou o vinho e eu fiquei meio inconsciente o dia todo. Príamo mandou chamar-me, mas os homens dele não conseguiram acordar-me. Não me recordo de nada. Eles regressaram à assembleia dizendo que eu estava bêbedo em cima da cama.

— Oh, céus! — O nosso inimigo era audaz e astucioso. Agora Páris era um fraco aos olhos dos gregos.

— Então, a certa altura, Deífobo ficou tão irritado com o insulto à hon-

ra de Príamo que avançou para os gregos de espada em punho. Antímaco gritou que o melhor a fazer seria matar Menelau e Odisseu e atirar os corpos por cima das muralhas...

— Não! — O meu coração começou a galopar.

— O resto da assembleia apoiou Deífobo. Excepto Antenor, que se insurgiu dizendo que embora fosse testemunha que estivesse aqui de livre vontade, ainda assim a honra exigia que fosses devolvida a Menelau. Então o conselho atacou-o. Ele e os gregos tiveram de fugir e abrigar-se em casa dele. Menelau e Odisseu partiram hoje de manhã cedo, fortemente escoltados.

Eles nunca perdoariam aquele insulto. E acreditariam que eu tinha culpa no acontecido, que os tinha desdenhado deliberadamente, evitando-os e recusando-me a falar com eles, ou então que estava mesmo prisioneira — ambos motivos para guerra. Menelau... Menelau iria querer vingar-se pessoalmente de mim e de Páris.

— Menelau é um homem pacífico, mas esta afronta é pessoal — disse eu. — Ele vai achar que tanto eu como os troianos o desdenhámos e queremos guerra. Nada poderia estar mais longe da verdade!

— O nosso inimigo teve uma vitória brilhante. Eu não sei quem me traiu. E tu não tens ideia de quem fechou o poço?

— Não. Estava muito fundo, mesmo ao nível da água. Não vi quem foi, nem sequer vi as mãos.

— Ainda assim, não deveria ser muito difícil identificá-lo. Ou a ela.

— Porque dizes isso? Temos muitos inimigos. — A enormidade daquela simples frase afectou-me.

— Mas muito poucos em Tróia que nos odeiem o suficiente para desejarem a morte dos compatriotas troianos. Garanto-te, vai ser fácil perceber quem está por detrás disto.

Precisávamos de descobrir, mas quando chegasse a hora, eu iria odiar olhar para a cara dele ou dela e saber.

E Páris podia estar errado. Isto podia não ter sido causado por ódio a nós, mas por simples desejo de guerra.



— **GELANOR** — disse Páris, — respeito os teus olhos e ouvidos. Sabes o que se passou no poço. O que pensas disso?

Estávamos na nossa antessala a andar de um lado para o outro. O cheiro a reboco fresco ainda se fazia sentir, tão nova era a nossa casa. Evadne fazia-nos companhia. Eu tinha agora duas criadas troianas, Scarphe e Leuce, mas tinha-as dispensado naquele dia para que não escutassem a nossa conversa, tal eram a desconfiança e a apreensão que eu sentia.

Gelanor lançou-me aquele olhar avaliador. — Sou novo em Tróia. Estou agora a aprender a história por detrás das caras e dos nomes.

Páris abanou a cabeça. — Não obstante, por vezes um forasteiro vê coisas que passam despercebidas a um nativo.

— Bem, assim sendo ...

Estava à espera que Gelanor começasse a nomear um troiano atrás do outro e a analisar a probabilidade de ele ou ela ser o culpado, dissecando os motivos. Mas ele disse: — Acho que temos espiões entre nós. — Fez uma pausa. — Estão disfarçados de troianos. Existe uma possibilidade de serem mesmo troianos descontentes, mas é menos provável.

— Espiões! — disse Páris.

— Eu partiria do princípio que são forasteiros, mestres do disfarce — disse Gelanor. — É verdade, é sempre preferível corromper um verdadeiro troiano. Assim ninguém tem de se preocupar com sotaques, explicações de como a pessoa apareceu em Tróia, erros reveladores que a possam denunciar. Mas é difícil encontrar essa pessoa, a não ser que tenhamos a oportunidade de conhecer livremente o inimigo e de fazermos a nossa abordagem. O único contacto aberto que muitos estranhos têm com os troianos é a feira, e essa acabou há muito tempo.

— Seria possível alguém encarnar convincentemente um troiano... perante outros troianos? — perguntei. Eu sabia que, no meu caso, o sotaque era diferente, muitas palavras eram diferentes, havia coisas que denunciavam constantemente que eu não era uma troiana.

— Acredito que sim — disse Gelanor. — É esse o trabalho deles, como o

de um fazendeiro é juntar bois e o de um ferreiro forjar metal. Eles podem forjar uma pessoa que nem sequer existe.

— Mas como é que conseguem manter o disfarce? — perguntou Páris.
— As crianças também brincam, mas ao fim do dia já estão cansadas.

Gelanor sorriu. O seu sorriso era sempre tranquilizador e algo distante, como se ele estivesse divertido com a situação. — Acabam por acreditar na própria mentira — disse. — Dedicam-se inteiramente e a identidade antiga extingue-se.

— Vejo um rosto — disse subitamente Evadne. — Um rosto jovem. — Depois suspirou. — Mas não vejo mais nada.

*

Questionámos mais testemunhas sobre Menelau e Odisseu. O que tinham dito eles e como é que estavam? Homens presentes na reunião do conselho disseram que a sala estava a abarrotar de gente e que Menelau fora simpático, persuasivo. A sua pessoa era agradável, o seu apelo racional. Dissera que Páris tinha violado a mais básica lei da hospitalidade, indo a sua casa, durante a sua ausência, sob o falso pretexto da amizade para lhe roubar a mulher. Afirmara que eu tinha sido levada à força; até violada.

— Não! — gritei.

— Mas que mais podem pensar os gregos? — disse o nosso informante, um jovem membro do conselho. — É necessário, para o seu orgulho, acreditarem nisso. — Fez uma pausa. — Menelau também disse que Páris tinha roubado grandes quantias em ouro e jóias de Esparta.

— Isso não é verdade! — gritou Páris. — Não roubei nada. Helena levou apenas coisas que lhe pertenciam... coisas que, inclusive, estamos mais do que dispostos a devolver.

Menelau a mentir! Teria Odisseu conseguido convencê-lo a tal, para vincar ainda mais a sua posição?

— Juro diante de todos os deuses que isso é mentira — disse eu. No preciso momento em que as palavras saíram da minha boca, percebi que os ouvidos a quem eram destinadas há muito se tinham ido embora. O nosso inimigo tinha garantido isso. O meu testemunho teria clarificado as coisas. Agora nunca seria ouvido.

— Uma pena, então, não teres podido jurar isso diante do conselho — disse o homem em voz baixa. — Depois de Menelau falar, foi a vez de Odisseu. É o orador mais persuasivo que eu conheço. Oh, a princípio não é óbvio. Quando começa a falar, parece insignificante, as palavras longe de hábeis. Mas depois estas juntam-se e formam torrentes de palavras, palavras que nos engolfam. Ele falou do comportamento vergonhoso de Páris,

de Príamo, de toda a Tróia. Falou das saudades que Menelau sentia da sua adorada mulher; da traição e do descaramento que era detê-la aqui contra a sua vontade. Avisou-nos que íamos ter o nosso castigo. Príamo insistiu veementemente que eles estavam errados, que era impossível Páris ter-te levado contrariada, já que ele tinha apenas um navio e não uma frota. Menelau resfolegou apenas. «Mentiras dos troianos», disse ele. «Que mais se pode esperar desta gente desprezível?» Odisseu bateu no peito. «Encontrar-nos-emos em batalha na Planície de Tróia», disse. Depois acrescentou que Agamémnon, líder dos gregos, exigia não só Helena e o seu tesouro, como também grandes quantidades de ouro para cobrir os gastos que os gregos já tinham feito ao tentar recuperá-la. De outro modo, iriam arrasas Tróia.

— Seguiu-se um tumulto — disse Gelanor. — Receio que isso lhes tenha dado razão na questão de os troianos serem perigosos e bárbaros e de não respeitarem as normais regras de conduta... o tipo de gente que rouba mulheres alheias.

— Quem começou com o clamor e os gritos? — perguntou Páris.

— Não sei. Parece ter vindo do fundo da sala — disse o homem.

— Então há mais do que um — disse Gelanor. — Drogar Páris, confinar Helena e espiar na sala do conselho. Temos de procurar muitos.

*

Uma calma suspensa desceu sobre Tróia depois do tumulto com os visitantes gregos. Era como se os dois homens fossem deuses, ou estranhos de um mundo desconhecido, cuja existência, para choque dos troianos, tinha sido agora confirmada.

Eu também estava abalada. Menelau tinha estado ali, naquelas ruas. Mas as duas metades da minha vida estavam divididas, completamente separadas. Era essa a minha convicção e o meu desejo. Como podiam agora unir-se? Eu não tinha a certeza do que teria sentido se tivesse visto de novo a cara dele.

Um grupo de mulheres nervosas decidiu deixar a cidade para ir às tinas de lavar roupa, como era costume. Desta vez fizeram-se acompanhar de guardas armados; várias mulheres da realeza queriam juntar-se a elas, não para lavar roupa, mas para molharem as tapeçarias novas para misturar as cores. Muita tecelagem era feita no palácio e havia um pequeno carregamento à espera do passo seguinte no processo, que só podia ser feito nas tinas. Eu sentia que a minha própria tapeçaria estava parada. Queria contar uma história, uma história importante, mas as histórias antigas tinham perdido o encanto para mim e por isso eu não

tinha começado nada. Talvez ver os desenhos e os trabalhos de outros me ajudasse.

O dia estava bonito e prometia ser quente pela primeira vez naquele Verão. Saindo pela Porta Dardânia, as carroças que levavam a roupa suja e as tapeçarias rolavam encosta abaixo. As mulheres riam-se e caminhavam ao lado delas; miúdos ávidos por brincar faziam festas aos cavalos e saltavam para cima das carroças, pulando de umas para as outras. Uma brisa agradável e suave soprava do campo.

Um dos miúdos que estava sobre a pilha mais alta de roupa suja gritou repentinamente: — Olhem! Olhem! — e apontou para o mar, que era visível do ponto onde nos encontrávamos.

— O que é? — perguntou o guarda que estava mais próximo dele.

— Não vêem? Coisas pretas ali!

Resmungando, o guarda trepou para a carroça mais próxima e, depois de ter ordenado a todos que parassem, protegeu os olhos do Sol com uma mão e semicerrou-os. Durante um bom bocado não disse nada. Depois gritou: — Navios! Navios! Todos para a cidade!

As grandes carroças inverteram a marcha com alguma dificuldade e dirigiram-se à porta, as suas cargas de roupa e tapeçarias a trepidar.

— Fechem bem as portas! — gritaram os guardas depois de a última carroça ter passado. Nós, mulheres, corremos, de lábios contraídos, para os baluartes na parte norte da cidade para ver o que estava a acontecer. Quando lá chegámos, vimos um magote de gente a olhar atentamente para o mar. Procurámos os nossos homens na multidão e depois, ao lado deles, vimos o que eles estavam a ver.

Espalhada sobre o mar, uma enorme e escura rede de navios deslocava-se na nossa direcção, desenhando um padrão como os do tear, uma tapeçaria contando a sua terrível história. Os navios eram tão numerosos como moscas esfomeadas que se aglomeram em volta de uma poça de vinho peganhento à luta por um lugar.

— Quantos? — Andrómaca, ao meu lado, ainda não tinha recuperado o fôlego da nossa corrida até ali.

— Centenas — disse Heitor, que observava com apreensão. — Os vigias que estavam no promontório de Sigeum e no sepulcro de Esiete acabaram de chegar, informando que são centenas.

— Mil — disse Deífobo, ao lado dele. — Pelo menos um milhar.

— Isso é impossível — disse Heitor. — Não podem ser mil.

— Sabes contar, homem? — ripostou Deífobo. — Um... dois... três...

— Deslocam-se com demasiada rapidez e estão demasiado longe para poderem ser contados com precisão — insistiu Heitor.

Deífobo resfolegou. — Mas admites, querido irmão, que são muitos?

— Sim, dou-te essa satisfação. Vejo que isso te alegra.

— Sim, de facto. Estou desejoso de os confrontar.

— Heitor... — Andrómaca tocou-lhe no ombro. — Olha para eles. — Apontou de novo para o mar, estremecendo.

— Quantos mais, melhor! — gritou Deífobo. — Mais morrerão. Nenhum exército daquele tamanho consegue manter-se no campo. Vão morrer à fome, e quantos mais, mais depressa isso acontecerá. Devem estar a contar com um ataque rápido, uma vitória rápida, antes que os problemas resultantes da permanência numa terra estranha se façam sentir. Mas são tolos. As muralhas de Tróia são impenetráveis. Aqui não poderão atacar-nos. Só podem remoinhar e aglomerar-se na planície. Talvez — disse ele presunçosamente, — alguns de nós nos aventuremos a sair para lhes dar luta. Mas serão um ou dois indivíduos. — Deu meia volta e olhou para mim. — Aqui está. A cara que evocou todos estes navios. Um navio por cada fio de cabelo na tua cabeça, por cada pestana, por cada dedo das mãos e dos pés. Eles que se espatifem nas pedras das nossas muralhas! Temos mais pedras do que tu tens cabelos louros na cabeça! — Afastou-se com um pequeno sorriso de prazer nos lábios.

Eu virei-me e fugi. Não conseguia suportar ver a horrível teia negra de navios a aproximar-se. *Um navio por cada fio de cabelo na tua cabeça, cada pestana, cada dedo das mãos e dos pés.* Quem me dera não fosse. Mas era. Os quarenta pretendentes tinham formado um exército. Os *meus* quarenta pretendentes, que vinham cumprir a promessa.

As ruas de Tróia estavam apinhadas com pessoas que se empurravam e acotovelavam. Eu olhava para os seus rostos e não me pareciam assustadas, mas agiam como crianças a quem se dá um brinquedo novo. Os navios tinham ido brincar com elas!

Passei a correr por elas em direcção ao meu palácio. Subi apressadamente os degraus até ao terraço para ver os navios que se aproximavam. Se, de certo modo, eu acreditara na possibilidade de eles terem desaparecido, fiquei desiludida com esse milagre.

Desci até ao altar da casa e sentei-me em silêncio na esperança de que, estando completamente quieta, o meu coração parasse de bater com tanta violência. Não conseguia recuperar o fôlego e estava com falta de ar.

Depressa a calma do local serenou-me; isso e o facto de ser um lugar subterrâneo à parte do mundo à superfície. Lenta e silenciosamente, a serpente saiu do seu esconderijo escuro e aguardou aos meus pés. Levantou a cabeça como se estivesse à espera que eu lhe transmitisse sabedoria, em vez do oposto.

Mas eu não tinha qualquer sabedoria. Tudo aquilo com que tínhamos contado acabara por se revelar errado. Que Menelau não me perseguiria.

Que os pretendentes não honrariam o seu juramento. Que Agamémnon não conseguiria reunir um grande exército e que, mesmo que o fizesse, os homens não iriam obedecer ao seu comando intimidador. Tudo errado, tudo errado.

Evadne vira-o na sua visão, as pessoas tinham avistado a frota a caminho de Tróia, mas vê-la a aproximar-se da nossa costa era uma coisa completamente diferente.

O vasto número de navios — como poderia Tróia fazer-lhes frente? E se — uma ideia impensável — Tróia fosse derrotada? Sim, ideia impensável, mas todas as anteriores possibilidades tinham também sido impensáveis e, contudo, os navios estavam a chegar.

Por causa dela será travada uma grande guerra e muitos gregos morrerão.

Mas se morressem muitos gregos, também morreriam muitos troianos. E tudo porque eu decidira fugir com Páris.

Comecei a entoar a lengalenga familiar que tinha cantado a outros: não era minha culpa, Agamémnon estava apenas à procura de um pretexto para a guerra. Mas eu não precisava de entoar essa música a mim mesma. Tinha sido eu a dar-lhe esse pretexto.

Uma mistura de pânico e culpa percorreu-me, avassalando-me de tal forma que cada fôlego era um sofrimento. Aqueles homens vinham atacar a minha nova família, a minha nova casa. Mas entre eles estaria a minha velha família? Estariam lá os meus irmãos? Estariam Castor e Pólux nos navios de Menelau? E o meu pai? Mas não, não podiam ter saído todos de Esparta. Alguém tinha de ficar para governar.

Oh, quem me dera que os meus irmãos lá não estivessem!

A serpente deslizou por cima do meu pé, acariciando-o com o ventre frio.

Diz-me, diz-me! Supliquei-lhe. Mas os seus olhos negros nada responderam.

*

A noite caiu, mas no último instante do crepúsculo, antes de a escuridão da noite se misturar com a escuridão dos navios, pudemos ver o quanto os navios se tinham aproximado da nossa costa. No dia seguinte acostariam.

Príamo convocou uma assembleia de emergência, enviando-nos as nossas convocatórias à luz de tochas. Pouco depois aglomerávamo-nos todos no seu *megarón*, a luz fraca tornando complicado o reconhecimento de rostos. Príamo, na sua agitação, não esperou que chegasse toda a gente para começar a falar.

— Todos sabemos porque estamos aqui — disse ele, dispensando as habituais agradabilidades. — Os gregos estão a chegar! Amanhã de manhã estarão aqui! Os nossos vigias informaram-me que o número de navios é bem superior a quinhentos. Claro que não podemos contá-los até terem atracado. Esta é a nossa última noite de paz. — Parou para recuperar fôlego. Vi que tinha as mãos a tremer, mas ele cerrou-as bem para disfarçar. Fez sinal aos anciãos para que se aproximassem. Timoetes, Lampius, Clítio e Hicetaon apareceram, ocupando os seus lugares ao seu lado, enquanto Hécuba recuou, desaparecendo nas sombras.

— Antímaco. Antenor.

Aproximaram-se.

— Meus filhos.

Páris saiu do meu lado e foi juntar-se aos irmãos.

— São vocês que estão entre os nossos inimigos e os nossos cidadãos, as nossas mulheres e as nossas crianças. — Olhou em volta para todos eles, demorando um pouco em cada rosto. — Tróia nunca enfrentou um ataque igual. Mas eu sei que está segura na vossa sabedoria e força. Que os vigias falem primeiro e nos digam o que iremos enfrentar.

Os vigias, ambos jovens soldados colocados em Sigeum e no jazigo de Esiete, avançaram. — Senhor, nós achamos que há mais de setecentos e cinquenta navios mas provavelmente menos de um milhar. Por isso vamos tomar quinhentos como uma estimativa.

Ouvindo isto, Príamo gritou e levou as mãos à cabeça. — Quinhentos! Mesmo que fossem só quinhentos, e cada navio tivesse apenas cinquenta homens, ainda assim seriam... vinte e cinco mil homens! E se for a pior das hipóteses, ou seja, mil navios, com cem homens cada, serão... cem mil homens!

— Sim, senhor — disse o vigia.

Príamo baixou lentamente as mãos e ergueu bem a cabeça. — Muito bem. Seja o que for. Qual, e faça esta pergunta a todos, na vossa opinião, deveria ser a nossa primeira acção?

— Isso é óbvio! — disse Antímaco. — Atacá-los na praia quando estiverem a tentar desembarcar. Apanhá-los quando estiverem mais vulneráveis. Quantos homens temos totalmente treinados para batalha?

— Temos perto de sete mil — disse Heitor. — Os melhores de Tróia.

— Então estamos em desvantagem numérica de, pelo menos, um para cinco? — gritou Antenor.

— Isto sem contarmos com os aliados, que depressa equilibrariam os números — disse Heitor. — Eu lidero-os!

Príamo anuiu com a cabeça. — Claro. E Deífobo e Eneias trarão a segunda fileira.

— E eu? — disse Páris.
— Não precisamos de arqueiros nesta missão — disse Deífobo. — Ficas a guardar as muralhas. — A luz tremeluzente escondia o prazer no rosto dele, mas eu consegui percebê-lo na voz.
— E eu? — gritou Troilo.
— Tu ficas dentro da cidade, longe das muralhas — disse Príamo. — Com Polidoro e Polites.
— E eu? — perguntou Hicetaon. — A minha armadura foi polida, os atilhos de couro substituídos e está boa como nova.
— Mas tu não — disse Príamo com firmeza.
— Ainda consigo lutar com o melhor que eles tiverem. — Semicerrou os olhos na cara enrugada.
— Mas não consegues correr. És tão lento como um burro manco.
— Isso não é verdade! Quem vos disse isso?
— Vi-te tentar. — A voz de Príamo suavizou. — Nós já estamos velhos e os nossos tempos de rapidez ficaram lá atrás. — *O meu braço arremessador ainda é forte, e noutros tempos teria vencido qualquer um destes rapazes.* O velho atleta. Também ele teria pedido para se juntar a Menelau? Teria Menelau abanado apologeticamente a cabeça e recusado o pedido?
Lampius olhou para mim e abanou a cabeça. — Ali está ela, a sua beleza assustadoramente semelhante à dos deuses imortais. Mas, por mais encantadora que seja, seria melhor para Tróia que nunca tivesse vindo!
— Está feito, Lampius, e não pode ser desfeito — disse-lhe Príamo. — Foi a vontade dos deuses.
Quão conformados estavam todos com esse facto. Quão diferentes dos gregos, que nunca aceitavam o seu destino até terem primeiro tentado, sem sucesso, dar-lhe a volta.
— Então, assim que começar a amanhecer, aos navios! — gritou Heitor. — Armar-nos-emos e preparar-nos-emos durante toda a noite!
Um enorme alarido de entusiasmo invadiu o salão, enchendo-o como fumo.

*

Já estávamos a sós no nosso quarto e Páris estava de costas para mim a fitar o mar escuro. — Sabemos que estão ali — disse ele. — Saber torna tudo diferente.

Virei-o de frente para mim. — Eu temia que este dia pudesse chegar — disse-lhe.

— Tu disseste que temias que este dia pudesse chegar, mas temias realmente?

— Não, eu não queria — admiti. — Lembras-te da cascata em Citera? Aquela comprida, onde nos pusemos no topo a olhar para baixo e mal conseguíamos ouvir a água a cair lá bem em baixo? Sinto como se estivéssemos de mãos dadas a saltar lá para baixo e não conseguíssemos ver o fundo. Oh, Páris, tenho tanto medo do que pode acontecer a Tróia, e por nossa culpa!

— Então a profecia cumprir-se-ia; a que dizia que eu seria causador da destruição de Tróia — disse ele. — Em todo o caso, assim que decidiram deixar-me viver, o mal de Tróia era inevitável. Por isso não precisamos de nos punir por isso.

— Então encaras isto sem peso nenhum na consciência?

— Não, mas também me recuso a carregar o fardo todo.

— Eu sinto-me sufocada com tantos presságios e profecias. Quando fugimos juntos, pensávamos que estávamos a lutar por nos libertarmos daquela teia. Agora vejo que a teia é maior do que eu tinha imaginado.

— Lutar... a verdadeira luta está prestes a começar. Fiquei bastante irritado esta noite quando me proibiram de ir com os meus irmãos ao ataque na praia. Ficas a guardar as muralhas...!

— Não foi o rei que falou assim, mas Deífobo. — O malicioso e manhoso Deífobo.

— O rei não o contradisse nem repreendeu.

— Talvez...

— Tenho de aprender a lutar melhor do modo tradicional. Vou mandar fazer uma nova armadura. Eles não vão impedir-me de participar!

— Talvez só haja esta batalha. Talvez eles dêem uma tarefa tão grande aos gregos que eles levantem já âncora e voltem para casa.

— Menelau é um homem teimoso — disse Páris. — Vai ser preciso mais do que uma escaramuça para o mandar de volta.

*

Ninguém dormiu naquela noite. E antes de a alvorada dar algum sinal a leste, Páris já pegava no arco, nas setas e na aljava e saía do quarto. Ele pensava que eu estava a dormir; eu fingi que estava, para que ele não sentisse a necessidade de me garantir que tudo correria bem. Assim que ele saiu, levantei-me da cama e vesti-me, com o coração acelerado e as mãos a tremerem de tal forma que tive de as entrelaçar com força para parar com os tremores.

Juntamente com todos os outros troianos na alta muralha a norte, vi os nossos homens avançando pela planície em direcção a Helesponto, o local onde os navios deviam ter atracado. Páris estava algures dentro de uma das torres de vigia e havia uma parte de mim que se sentia extremamente grata por ele não estar entre os que se dirigiam apressadamente em direcção aos

gregos. A outra, a parte de Páris, sentia a sua raiva e vergonha por ele ter sido ordenado a ficar em Tróia.

*

A noite caiu e os homens não regressaram, e nós não conseguíamos ver nem ouvir nada. Só quase ao pôr-do-sol do dia seguinte é que o exército regressou, com uma boa camada de pó nas armaduras, os corpos cobertos de suor e padiolas transportando os mortos. Tinham atacado os gregos no momento em que eles chegavam a terra e Heitor tinha matado o primeiro homem a pisar solo troiano — um bom presságio, embora ele desdenhasse presságios. Mas o resto do exército grego tinha dado bastante luta e, embora tivesse sido obrigado a recuar quase até ao mar, tinha conseguido atacar e queimar muitos navios da frota troiana ancorada na foz do Escamandro.

Assim que as portas se fecharam atrás dos nossos homens, os gregos seguiram-nos através da planície, como se não conseguissem esperar para ver Tróia. As nossas muralhas altas e polidas e portas de pedra repeliram-nos, e eles recuaram sob uma chuva de flechas e de pedras atiradas dos baluartes.

A sua marcha fútil através da planície permitiu-nos ver qual o tamanho do exército. Este enchia a bacia entre os dois rios e, do ponto alto onde nos encontrávamos, parecia um cobertor, um cobertor em movimento. Ocasionalmente via-se a luz do Sol reflectida num escudo, e o som metálico das armaduras produzia uma música monótona enquanto eles marchavam.

Não reconheci nenhum dos líderes, mas os elmos ocultavam os rostos e, de qualquer forma, a luz estava já a desaparecer. De armadura todos os homens são iguais.



GUERRA. Estávamos em guerra. Quão arrepiante proferir estas palavras, interiorizá-las. Dentro do nosso quarto sentia-me segura, com todos os entretenimentos desfrutados em paz: liras, espelhos, tabuleiros de jogos em marfim. Lá fora, as ruas pululavam com evidências tristes de guerra: soldados, é claro, mas também miúdos carregando cestos cheios de flechas, homens conduzindo jumentos que tremelicavam sob o peso de pedras para atirar dos baluartes e que seriam empilhadas em postos em redor das muralhas, mulheres correndo para a porta mais segura a sul para levarem a roupa suja até às tinas no exterior antes que fosse tarde de mais. Os tratadores de cavalos levavam os seus animais até à fonte e às gamelas antes de os fecharem atrás da primeira barricada na parte baixa da cidade. E por toda a parte as tradicionais cristas de crina de cavalo no topo dos elmos oscilavam à medida que os homens desciam as ruas usufruindo da visão estreita que obtinham através das fendas para os olhos.

O ambiente em Tróia era de desafio. Os troianos regozijavam-se com a força das suas muralhas — as mais fortes e mais altas do mundo, diziam — e com os seus bravos guerreiros.

A perspectiva de muitos jovens perderem a vida horrorizava-me. Quando verbalizei a minha tristeza, Deífobo riu-se daquele modo desdenhoso que lhe era tão característico. Eu nunca gostara de Deífobo e o sentimento era crescente. — Pensas demasiado nos homens e muito pouco nas necessidades do exército. Um exército precisa de vencer. Não quer saber do soldado.

— Mas a terra que reúne o exército tem de se preocupar com as pessoas.

— Talvez devesse, mas não se preocupa. — Colocou rapidamente o elmo. Agora tinha a cara rodeada de bronze; só os lábios contraídos apareciam por baixo. — Escolheste uma altura muito esquisita para seres sensível — disse ele. — És tu a causa disto tudo. Devias estar deliciada. Não podes voltar atrás, por isso devias aceitar.

— Eu teria feito todos os possíveis para evitar isto, mas houve alguém que me impediu.

Ele riu-se, e a gargalhada ecoou estranhamente dentro do capacete de bronze. — Oh, Helena, não procures fugir assim à tua culpa. — Atou a tira debaixo do queixo. — Só é pena que tenhas escolhido Páris... mas as mulheres são inconstantes e nada dura para sempre.

Eu virei costas, mas apenas porque estava sem palavras. Não havia contestação inteligente, nenhuma resposta possível, a um insulto daqueles.

*

A Planície de Tróia estava vazia. Depois da primeira incursão enérgica contra as nossas muralhas, onde se exauriram como ondas espumosas mas fúteis, os gregos bateram em retirada.

Uma cidade fortificada era difícil de atacar. Não saberia Agamémnon isto melhor que ninguém, confortavelmente instalado atrás das suas muralhas em Micenas? Tinha de reconsiderar a estratégia, de pensar como é que alguém poderia explorar as fraquezas de Micenas para se sair vitorioso e depois transpor isso para Tróia.

A estranha suspensão de actividade enervava os troianos, já que parecia que o inimigo se tinha evaporado. Os nossos espiões informavam que eles tinham disposto os navios em filas junto à costa, a última ondulando sobre a água, fixos por âncoras de pedra nas proas e por cabos nas popas. Já tínhamos conseguido introduzir uma série de espiões entre eles, e o grupo de prostitutas treinadas por Gelanor seguir-se-ia em breve. Ele achava que devíamos deixar que o desejo dos homens aumentasse bastante antes de lhe providenciarmos alívio.

— Andam pela praia — disse um dos espiões. — Os navios foram colocados numa ordem específica, com o guerreiro conhecido por Aquiles a uma ponta, um mastodonte de nome Ájax na outra e um chamado Odisseu ao meio.

— Então são esses os verdadeiros líderes — disse Príamo. — E onde, no meio disto tudo, está Agamémnon? E o irmão Menelau?

— Enfiados algures no meio — disse o espião. — Mas Vossa Majestade tem razão, Aquiles, Odisseu e Ájax parecem ser os pilares. Aquiles é famoso por ser um guerreiro de uma coragem sobrenatural, Odisseu é inteligente e manhoso, e Ájax é simplesmente enorme e imóvel.

Aquiles! Mas ele tinha estado em Ciros, disfarçado de rapariga! Como teria ido parar a Tróia? — Como pode Aquiles ser um guerreiro assim tão bom? — perguntei. — Quanto aos outros dois, Ájax é tão estúpido como um balde e Odisseu luta mais com o raciocínio do que com a espada.

— Aquiles tem fama de ser o melhor guerreiro que eles têm — insistiu o espião. — Não sei baseados em quê chegaram a esta conclusão.

— Às vezes sabe-se simplesmente — disse Príamo. Abanou a cabeça. — Ouvi dizer que a mãe de Aquiles é deusa. Não podemos fazer face a isso. Em Tróia somos todos mortais. Todos nascemos de um pai humano e de uma mãe humana.

— Isso assegurará que a nossa vitória sobre ele seja ainda mais gloriosa — disse Heitor, que entrava a passos largos na sala. Olhou em volta para todos nós. — Acotovelando-se como um grupo de velhotas em volta de um poço? É o que parece. — Arrancou o elmo da cabeça e atirou-o para um canto, onde este tiniu pesarosamente, como se protestasse. — Não dou muito crédito aos boatos sobre o «filho da deusa». No Olimpo existe um acordo de os deuses não salvarem a sua descendência para que esta enfrente o seu destino, por isso que diferença pode isso fazer? — Riu-se, uma gargalhada gloriosa. — Não tenho qualquer problema em colocar os filhos do homem em confronto com os filhos de um deus — disse. — Não temos ideias irrealistas de sermos salvos e isso inspira um homem a lutar no limite dos seus poderes.

*

Páris e eu tínhamos regressado ao nosso palácio quando Antenor nos mandou chamar a sua casa. Esta ficava localizada a meio caminho da encosta da cidade, uma óptima casa com janelas gradeadas. O interior era espaçoso e arejado; havia poucos objectos a enchê-la. Antenor apressou-nos a entrar e conduziu-nos a um pequeno quarto, fechando a porta atrás de nós.

— Meus caros príncipe e princesa — disse ele, ajeitando a zona onde o broche segurava o manto castanho-escuro. Como sempre, estava impecável e não precisava de ajuste. Mas ele tinha grandes preocupações com a aparência: gostava de ser conhecido como o homem de melhor gosto em Tróia. — Olho agora para a cara que tanto Menelau como Odisseu desejavam ver.

Abri as mãos. — Como sabes, fomos impedidos à força de estarmos presentes quando eles chegaram a Tróia.

Antenor aproximou-se mais e reduziu a voz a um sussurro. — Não obstante, eles deixaram algo para ti. — Virou-se, pegou numa pequena caixa e a seguir entregou-ma. — É segura. Eu examinei-a.

Eu levantei lentamente a tampa incrustada. No interior jazia uma peça ornamental de joalheria: uma pedra vermelha-escura presa a um fio de ouro cintilante. Era para ser usada como um broche, ou um pendente. Passei o dedo pela pedra lisa.

— Menelau disse-me para ta entregar — disse Antenor. — Ele queria que ficasses com ela.

De imediato, pareceu-me estranho. Porque me ofertaria Menelau uma jóia quando afirmara que eu lhe tinha roubado o palácio? E ela não se assemelhava a nada que ele pudesse ter escolhido; o seu gosto por jóias tendia mais para o pesado e ostentoso.

Ainda assim, talvez fosse um sinal de que o seu coração não se tivesse fechado completamente para mim. Ainda podia haver esperança, algum meio de enviar uma mensagem combinando outro encontro.

Retirei-a da caixa, mas Páris agarrou-me no pulso. — Não a coloques! Nem sequer lhe toques! Pode estar envenenada. Ou amaldiçoada.

Lentamente, pousei-a de novo dentro da caixa. Eu odiava pensar uma coisa dessas, mas tinha de ter cuidado. — O que te disse ele exactamente quando te entregou isto? — perguntei a Antenor.

Antenor alisou o cabelo grisalho. — Disse, numa voz embargada de emoção: «Para Helena, minha esposa, para que ela tenha noção do custo do seu amor».

— Maior razão ainda para não a usares — disse Páris. — Ele quer reaver-te discretamente através deste... deste brinquedo.

— Não pode ser — disse eu. Mas parecia-me tão insignificante, comparada com os tesouros de Tróia, ali, na sua pequena caixa, que fiquei comovida. Para com isso!, disse a mim própria. — Como estava ele? Como te pareceu? — perguntei a Antenor. Isso preocupava-me mais do que o presente.

— Desgastado e cansado — disse Antenor. E só lhe faltava dizer: *Estava de coração partido*. — Não parava de olhar para a porta da sala do conselho, à espera que aparecesses. Como não aparecias, quando os mensageiros regressaram a dizer que não conseguiam encontrar-te em lado nenhum, ele desmoronou.

— O que queres dizer com «desmoronou»? — perguntou Páris.

— Pareceu encolher à frente dos meus olhos. Depressa ficou do tamanho de Odisseu.

Foi difícil ouvir aquilo. O ódio que sentia do inimigo que me tinha trancado fervia dentro de mim. — Ele precisa de saber... eu devia explicar-lhe. Talvez se eu fosse lá, até aos navios...

— Não! — gritaram Páris e Antenor em uníssono. — A altura para isso já passou — disse Antenor. — Mesmo que eles te capturassem e te levassem de volta para Esparta, é demasiado tarde. Os restantes gregos iam ficar aqui e atacar-nos à mesma. Não fizeram esta viagem toda em vão e, perdoa-me, mas vejo agora que não vieram até aqui só para te resgatar. Menelau ficaria satisfeito com isso, mas os outros não. Esta expedição teve um custo monumental. Eles querem recuperar o que gastaram.

— Era melhor que dessem meia volta e se fossem embora, pois Tróia nunca os compensará pelas suas perdas! — gritou Páris.

— Leva a jóia — disse Antenor. — Quero-a fora da minha casa. — Enfiou-me a caixa nas mãos e, apesar do aviso de Páris, eu levei-a.

*

Durante um tempo as coisas estiveram tranquilas. A grande Planície de Tróia estava vazia e, na nossa inocência, seria fácil pensar que estava tudo na mesma e aventurarmo-nos a descer até lá para jogarmos e nos divertirmos como antes. Mas a linha da costa tinha mudado; em vez de uma linha clara onde o mar encontrava a areia, havia agora filas escuras de navios.

Passado algum tempo — já estávamos a meio do Verão —, grupos de soldados começaram a avançar pelos campos e a montar acampamento. A princípio eram poucos e Príamo enviou homens para os ameaçar e atacar, conseguindo expulsar alguns, mas depois chegaram mais e depressa formaram um semicírculo do lado norte de Tróia, o lado que dava para Helesponto. Quando o número aumentou, os gregos começaram a tentar bloquear as nossas portas para evitar que alguém entrasse ou saísse de Tróia. Mas deixaram o lado sul da cidade desprotegido e os troianos ainda conseguiam entrar e sair livremente através dessas portas. As pessoas dispersavam-se e traziam mais madeira, mais tochas e cereais, e começou a construir-se uma barreira sobre a conduta de drenagem para que ninguém conseguisse espreitar para dentro da cidade.

Eneias aproveitou a acalmia para regressar ao seu reino na Dardânia, que ficava a leste da cidade. Informou formalmente Príamo, prometendo regressar imediatamente se assim fosse necessário, mas sentia que naquele momento devia proteger o seu povo.

— Pois quando os gregos se cansarem e se fartarem de tentar subjugar Tróia através do cerco, e a sua moral estiver em baixo e os seus mantimentos escassearem, eles irão procurar vítimas noutro lado. Voltarão os olhos para a Dardânia, Adrasteia e Frígia — disse ele quando se despedia de Páris e de mim. — Príamo está triste por eu levar a tua irmã Creúsa comigo, mas ela é minha esposa — disse ele a Páris. — E o meu pai Anquises deve estar ansioso por notícias minhas.

— Como queiras — disse Páris, que andava impacientemente ao redor da lareira do *megarón* do nosso palácio. — Mas, oh, meu amigo, meu primo, vou sentir muito a tua falta! — Abraçou-se a Eneias, apertando-o por um momento e depois soltando-o. Os dois perfis, bem definidos, espelhavam-se.

— E eu a tua — disse Eneias em voz baixa.

Eneias partiu. Também eu ia sentir a sua falta, já que o vira pela primeira vez junto a Páris, e esse momento estava para sempre gravado na minha mente, os dois parte essencial do meu destino.

*

Páris estava ansioso por experimentar a armadura. Tinha mandado fazer um novo modelo e os ferreiros visitavam-no nos seus aposentos, levando-lhe versões em linho do que mais tarde seria forjado em bronze. — Quero uma couraça com um desenho em relevo mostrando as muralhas de Tróia — disse ele. Tiraram-lhe as medidas ao peito, braços e ombros, elogiando-lhe as proporções perfeitas. Depois começaram a queixar-se do tempo que levaria a completar a armadura e da qualidade do bronze. Queixaram-se da pureza do estanho que tinham recebido do Norte e disseram que não tinha a qualidade habitual. Páris também queria grevas para as canelas e um elmo de bronze mais espesso, com uma tira de couro flexível para o prender sob o queixo. — E além disto tudo, usarei a minha pele de pantera — afirmou ele. — É a minha insígnia especial.

Os artífices fizeram vénia e retiraram-se, enquanto Páris resmungava: — Não acho que consiga estar pronta a tempo — disse. — Devia ter tratado disto mais cedo.

— Ainda não houve nenhuma batalha, apenas a escaramuça quando eles cá chegaram — lembrei-lhe eu. — Tenho a certeza de que a tua armadura estará pronta a horas. Mas reza para nunca teres de a usar. Assim poderemos pendurá-la na nossa sala e mostrar aos nossos filhos a gloriosa armadura do pai.

Ele suspirou. Nossos filhos... teríamos algum? Mas já raramente tocávamos no assunto, já que a nossa desilusão era cada vez mais profunda e as esperanças se desvaneciam. — Talvez seja necessário eu enfrentar Menelau por ti. De homem para homem. É minha intenção fazê-lo. Porque haveriam estes dois exércitos de se defrontar e aniquilar, quando isto não é mais do que um duelo entre dois homens?

— Não, não debes fazer isso! — Não que eu receasse que ele pudesse ser ferido, não, nem sequer podia pensar numa hipótese dessas; mas se Menelau vencesse, mesmo que Páris fosse poupado, eu seria obrigada a ir com ele. Teria de deixá-lo tomar posse de mim, abraçar-me, tocar-me, levar-me. As mãos dele tocariam os meus ombros, acariciar-me-iam a face, ele levar-me-ia para a sua cama, aquela cama fria e morta.

— Porquê? Tens assim tão pouca confiança em mim? — perguntou ele. O seu rosto revelava uma profunda mágoa.

— Não é isso — disse eu. — Mas os deuses são falaciosos e podem trair-te.

*

Evadne e eu estávamos em sossego no cómodo mais recôndito. Para mim, ela era sempre serena, sensata. As minhas outras criadas eram alegres e conversadoras, mas serviam principalmente para me distrair. Como sempre, ela carregava a sua pele de ouriço e um saco de lã não cardada, e assim que se sentava no banco, pegava na lã emaranhada e começava a estendê-la nos pêlos do ouriço, esticando as fibras. Abria bem os braços, a lã parda formando longos fios, e assim descia sobre nós uma grande paz.

— Páris saiu, minha menina? — perguntou ela finalmente.

— Sim. Foi inspeccionar a reserva de flechas e mandar fazer mais. — Alguns achavam que quem matava de longe era covarde, por não se atrever a encarar o inimigo. — Heitor diz que o melhor presságio é lutarmos pelo nosso país e morrer por ele. A mim parece-me que o melhor presságio é fazer os soldados do outro lado morrerem pelo país *deles*. — Mesmo que tivesse de ser com flechas.

Evadne riu-se. — Seria melhor se as mulheres determinassem o curso da guerra — disse ela. — Assim ela seguiria o senso comum. — Pegou outro pedaço de lã não trabalhada, escura e enleada.

— Páris falou num duelo com Menelau.

— Isso é sensato — disse ela. — Afinal, o problema é mesmo entre eles os dois. Não é preciso envolver milhares.

— Mas eu não posso ir com Menelau! — gritei. — Mesmo que ele vencesse, eu fugia!

Virei-me e empurrei a caixa com o broche em direcção a Evadne. — Ele teve a audácia de me trazer isto! — disse eu. — Uma jóia! Decerto não estava à espera que eu a usasse! — Tirei-a da caixa e balancei-a entre os dedos.

— Oh, não faças isso! — disse ela. Estendeu a mão e tocou-lhe ao de leve. — Não se trata apenas de uma gema bonita. — Abanou a cabeça. — Onde a arranjou ele? E porque te daria ele um presente?

Voltei a colocar o broche na caixa. Quando recolhia os dedos, reparei que as pontas estavam ligeiramente avermelhadas. Limpei-as a um pedaço de pano, mas o pano permaneceu branco.

— Ele chora — disse Evadne, maravilhada. — Talvez como o próprio Menelau.

— As lágrimas não são vermelhas — disse eu. — Isto é outra coisa.

*

A reserva de armas de Príamo estava a crescer. Ele tinha dois depósitos — um na parte baixa da cidade, onde as peças maiores como partes de carros, escudos, bastões de madeira para lanças ainda não finalizadas e couraças podiam ser armazenados, e outro na parte alta, onde eram guardadas as

lanças, as espadas, as adagas, as setas e as aljavas. Grandes pilhas de pedras eram agrupadas no interior das muralhas para serem depois lançadas sobre o inimigo, se este tentasse atacá-las.

Antímaco, o antigo guerreiro truculento, parecia adorar a ideia de o inimigo se atrever a atacar as nossas muralhas. — As pobres das escadas que eles têm serão armadilhas mortais — disse ele, e resfolegou, caminhando de um lado para o outro diante de um monte de pedras. As narinas alargadas na cara queimada do sol. — Para treparem, têm de as colocar mais perto da base das muralhas e subir a direito, de armadura vestida. Oh, já soube das faixas dos escudos que lhes permitem pendurá-los sobre as costas, transformando-os em tartarugas, mas isso é tão trapalhão que metade deles perderá o equilíbrio e cairá. Os restantes... nós trataremos dos restantes! — Baixou-se e pegou numa grande pedra, com tanta facilidade que esta parecia feita de madeira. O antebraço era fortemente musculado, as veias bem visíveis. Ele riu-se e lançou a pedra por cima da muralha. Um momento depois um baque assinalou a sua aterragem. — E quem é que Vossa Majestade irá utilizar para liderar os soldados quando for a luta na planície? — perguntou ele a Príamo.

— Oh, podia eu próprio liderá-los! — disse Príamo. Parecia mais jovem desde que os gregos tinham desembarcado; extraía energia da guerra que se anunciava. — Ia assustá-los a todos, até Aquiles e Agamémnon! — Exalou e disse adeus ao seu sonho. — Mas Heitor será o comandante supremo. — Príamo apontou para a entrada do palácio. — Venham, vamos entrar. — Ele não queria falar do que sabia nas ruas. Um burburinho de decepção ergueu-se da multidão que o tinha seguido e ao seu grupo desde as muralhas.

Já no pátio, Príamo ordenou-nos que ocupássemos os nossos lugares de acordo com a nossa condição. Os soldados deviam ficar à sua esquerda, os filhos e as respectivas famílias ao centro e os conselheiros à direita. — Valorizo todas as vossas opiniões, mas é mais fácil para mim, na minha idade — fez uma pequena vénia, como se estivesse à espera de contestação, — saber de que quadrante vêm os ataques.

Ninguém discutiu; ninguém disse: *O que quer dizer com «na minha idade»? O senhor ainda é um guerreiro!* Ele esperou, mas finalmente teve de continuar: — O meu sábio conselheiro, o homem que veio com Helena para Tróia, conseguiu colocar espões entre os gregos.

Eu olhei para o grupo em volta, mas Gelanor não estava à vista. Sussurrei a Páris que tínhamos de o mandar chamar e Páris mandou alguém procurá-lo.

— Parece que os navios estão dispostos em várias fileiras, alguns bem dentro da praia e os mais recuados ainda a baloiçar no mar. Eles são dema-

siados para desembarcarem todos de uma vez. Estão a usar os navios como uma espécie de quartel-general, com cada extremidade guardada pelos lutadores mais fortes.

— Sabíamos desde o início quais eram as posições deles — escarneceu Deífobo. — Que tem isso de novo?

— Se se aproxima uma batalha, é melhor estarmos preparados — manteve Príamo. — Cada pedacinho de informação sobre o inimigo é de extremo valor, seja velha ou nova.

Depois de nos termos dispersado, Príamo dirigiu-se ao seu altar. — Oh, Zeus — murmurou, — dá-me força. — Ajoelhou-se e agarrou-se ao pedestal que suportava o peculiar Zeus de madeira com três olhos, fechou os olhos e rezou.

Páris, Heitor, Deífobo, Gelanor — que tinha chegado mais tarde — e eu éramos os únicos ainda presentes.

— Podemos fazer outra coisa — disse Gelanor. — Príamo falou apenas na vertente ofensiva: tropas, comandantes, armas. Mas nós, enquanto atacados, temos também de lutar defensivamente. Vivemos aqui e temos vantagens que um exército acampado numa terra estranha não tem.

— O quê? — perguntou Heitor. — Para além da bravura e da força dos nossos guerreiros?

Gelanor olhou para ele de uma forma esquisita, quase condescendente. — Oh, há tanto mais! O vosso objectivo é vencerem esta guerra ou serem nobres? Não são a mesma coisa.

— Queremos vencer — disse Príamo, que regressava do seu apelo a Zeus. — Podemos deixar a nobreza para mais tarde. Para depois da vitória.

Gelanor estendeu a mão e tocou no ombro de Príamo. — A tua idade é fonte de sabedoria — disse ele. — Então muito bem. Há muitas coisas que podemos fazer para nos defendermos. Temos de domar a Natureza. — Olhou significativamente para Deífobo e Heitor. — Eu sei que desdenham tudo o que não seja músculos inchados manejando uma lança e o espírito humano que maneja essa lança — disse ele. — Mas os nossos amigos entre os animais e as plantas estão desejosos para nos dar uma ajudinha. Não podemos insultá-los, ignorando-os. — Pegou de súbito numa flecha. — Uma flecha pode carregar morte. Morte garantida. Se tiver sido mergulhada em veneno de serpente, consegue despachar imediatamente o inimigo. E há outras coisas que podemos utilizar. Pedras para lançar sobre os que estiverem a tentar subir as escadas, por exemplo. E que tal areia aquecida, que penetra em todas as camadas da armadura de um guerreiro? Têm algum sistema de alarme aqui em Tróia para dar sinal quando houver quebra das vossas fileiras? Porque não? Conheço muitos. — Encolheu os ombros. — Vocês não estão preparados.

— Mostra-nos como fazer! — Fiquei espantada com o apelo directo de Príamo. Mas a sua única preocupação era Tróia e não o seu orgulho.

— As coisas que mencionei não passam de uma brincadeira de crianças — disse Gelanor. — São coisas óbvias. Mas existem outras... já ouviram falar em roupa venenosa?

— Queres dizer, untada com veneno? — perguntou Príamo.

Gelanor riu-se. — Não, não é isso. Estou a falar em roupa que passou pelo corpo de vítimas da peste ou de outras doenças. Essa roupa tem o poder de transmitir a doença a pessoas saudáveis.

— Não! — gritei. Não podia permitir que usassem tal coisa contra os meus próprios conterrâneos.

— Então preferes as flechas de Apolo? — Pela primeira vez vi a implacabilidade de Gelanor. — Que atingem aqui e acolá, sem benefício para nenhuma das partes? O deus cruel da peste? Se um homem tem de morrer de peste, porque não por um objectivo? — Olhou-me com dureza. — Não devíamos também domar Apolo?

Príamo parecia horrorizado. — O que dizes é blasfémia.

— Só pensarmos em domar um deus para nosso benefício já é desafiar esse deus. — Heitor juntava-se agora ao pai. — Por favor, retira o que disseste.

Gelanor riu-se. — Muito bem. Querido arqueiro, deus do arco de prata, não queria ser desrespeitoso. — Semicerrou os olhos em direcção ao Sol. — Olha por nós aqui em baixo. E guia-nos até ao teu templo.

— Não precisamos de ser guiados até lá, há um aqui mesmo em Tróia — disse Deífobo.

— Não é aquele — disse Gelanor. — Ouvi dizer que há outro um pouco afastado de Tróia, um chamado Apolo Sminteo. É *esse* que eu desejo examinar.

— O templo com os ratos brancos sagrados? — perguntou Príamo.

— Sim — disse Gelanor. — Acho que esse templo pode ter respostas para nós.

*

Mais tarde nesse dia, depois de se ter assegurado de que não havia gregos a sul de Tróia, o nosso grupo pôs-se a caminho da Porta Dardânia, dentro de um carro e guardado por soldados. Mas era glorioso sair dos limites da cidade e aventurarmo-nos pelo campo. Com Tróia diminuindo atrás de nós, olhei para trás para ver as muralhas cintilantes e as torres imponentes e, no cume, o palácio que Páris e eu tínhamos construído; o edifício mais alto de Tróia. Lá estava ele, exibindo-se e proclamando o nosso amor e a nossa presença.

— Deixa Agamémnon ver *aquilo* — segredei ao ouvido de Páris. — Vai ficar furioso. — Se reparou que eu não disse *Menelau*, não deu qualquer sinal do facto. *Menelau* era uma palavra que evitávamos, por vergonha mútua.

Depois de muitos solavancos e sacudidelas, chegámos ao templo a meio da tarde, quando o Sol forte transformava as colunas de pedra em branco puro. Um pequeno bosque sagrado rodeava o edifício, e as árvores estavam silenciosas na atmosfera pesada e sem vento. À primeira vista, o edifício parecia deserto; o meio da tarde não era hora para visitantes. Mas quando subíamos os altos degraus do templo, vimos um sacerdote vestido de negro e mãos entrelaçadas à nossa espera.

Príamo falou imediatamente, enquanto líder dos troianos: — Bom sacerdote, vimos para honrar Apolo que reina aqui. — Inclinou ligeiramente a cabeça.

— São bem-vindos — disse o sacerdote. — Soubemos da chegada do exército grego e do cerco a Tróia. — O homem aproximou-se de mim, fitando-me. — É esta a causa de tudo isto? A ilustre Helena?

Em vez de deixar Heitor falar por mim, eu disse: — Sim. Sou Helena. Trago o meu amigo de Esparta, bem como o meu marido, os irmãos e o pai.

— Ah, muito bem — disse ele. Continuou a olhar fixamente para mim. — Talvez deveses cobrir o rosto, para Apolo não... — Calou-se. Ele não precisava de enumerar todas as mulheres e homens por quem Apolo se encantara e perseguira implacavelmente, para sua desgraça. Sim, Dafne tinha conseguido escapar, mas apenas transformando-se em árvore; não propriamente uma solução satisfatória. Eu não tinha qualquer desejo de me transformar em árvore.

— Muito bem — disse eu, pegando num véu fino.

— Soube que aqui há ratos brancos sagrados — disse Gelanor. Estava a olhar em volta. — E outras coisas?

O sacerdote hesitou. — Os ratos, sim, estão aqui atrás da estátua sagrada. Conhece a história? Em tempos, uma infestação de ratos destruiu os atilhos de pele dos escudos e das espadas de um exército inimigo, por isso honramo-los até hoje.

— Mas há outras coisas, certo? — insistiu Gelanor.

— Outras coisas. Mantemo-las em segurança, protegidas, no subterrâneo da câmara.

Levou-nos até um compartimento escuro que ficava atrás da estátua de Apolo. O odor anunciou de imediato que estávamos na presença de vermes. Até os vermes sagrados fediam. Tossi, o mais discretamente possível.

As gaiolas estavam cheias de ratos, que se atropelavam, lutando por espaço.

— E se os soltasse? — perguntou Gelanor.

— São apenas simbólicos — disse o sacerdote. — É verdade, os ratos mastigaram partes essenciais de armaduras na véspera de uma batalha. Mas não temos como os controlar. Por isso, em resposta à sua pergunta, se abríssimos agora as jaulas, os ratos fugiam e muito provavelmente destruiriam os campos à nossa volta. Atacam tudo o que está à mão.

— Então, peço-lhe que os contenha — disse Príamo.

— Mostre-nos as outras coisas do arsenal — disse Heitor. — Precisamos de saber.

Resmungando de descontentamento, o sacerdote pediu que lhe trouxessem uma tocha. Um dos sacerdotes menores enfiou-lhe um ramo de pinheiro resinoso na mão. — Muito bem, desçamos então. — Virou-se e conduziu-nos a uma série de degraus húmidos. — São antigas — disse ele. — Não sei o que vos poderão ensinar.

Já debaixo do chão, descobrimos que o subterrâneo era desagradavelmente húmido, frio e fétido, muito diferente do templo soalheiro à superfície. Paredes ásperas e não trabalhadas revelavam-se diante da nossa visão pouco nítida. Eu conseguia ouvir o gotejar de um curso de água bem profundo. Bolor verde cobria as pedras e o silêncio envolvia-nos.

— Aqui está uma coisa — disse finalmente o sacerdote, aproximando-se de uma arca de madeira trancada. — Dizem que em tempo de peste as vestes de um rei e de uma rainha foram aqui guardadas depois de eles terem morrido da doença. — Começou a tentar forçar a abertura da tampa.

— Não, não faça isso — disse Gelanor. — Deixe-a trancada. Não precisamos de as ver, desde que nos garanta que estão aí, preservadas.

— Garanto! — disse o sacerdote.

— Então muito bem — disse Gelanor. — Que mais tem aqui em baixo? Pode ser de extrema importância, algum dia, para a defesa de Tróia.

O sacerdote parecia assustado. — Eu... há mais roupas, consagradas depois de os seus proprietários terem morrido de alguma doença terrível. Estão trancadas, intactas. Algumas das doenças atacaram subitamente, no auge da vida de um homem. Outras preferiram esperar até à velhice, até a pessoa estar enfraquecida, e o ataque não foi tão óbvio. Mas todas as pestilências súbitas são atribuídas a Apolo, e por isso os restos são deixados aqui.

— O que diria se eu lhe dissesse que pegar na roupa, sacudi-la e apertá-la contra si faria com que o senhor contraísse a mesma doença? — perguntou Gelanor.

— Eu diria, então, que elas devem ficar bem trancadas. Como estão agora.

— Precisamente. — Gelanor anuiu com a cabeça. — Mas se alguma

vez receber um pedido nosso para que as envie para Tróia, saberá que a situação é de desespero.

— Sim. — O sacerdote acenou com a cabeça.

— Procuremos de novo a luz do dia — disse Heitor. — Isto é demasiado asfíxiante. — Virou costas e deixou-nos na escuridão húmida e fria. Pouco depois subimos também até ao templo. O ar fresco e o céu azul foram um bálsamo para nós.

Isto é, até vermos a figura encolhida diante da estátua de Apolo. Parecia um monte de trapos, um monte que suspirava e chorava.

— O que é isto? — gritou o sacerdote, correndo ao seu encontro. Estendeu a mão, pousando-a suavemente sobre o monte pulsante. Finalmente emergiu uma cabeça; o homem ergueu os ombros e endireitou-se.

Não era um homem, mas um rapaz. Ele abanou a cabeça e gaguejou: — P-perdão, mas estava à procura de refúgio. Tróia estava cercada. Só me lembrei de vir para cá!

— Quem és tu? Como te chamas, filho? — Príamo avançou para ele.

— Sou Hilo, filho de Calcas. Não concordo com a traição dele. Abjuro o meu pai. Mas deixem-me voltar para Tróia, para a minha casa!

Príamo aproximou-se dele, mas, antes de o reconhecer, desviou o cabelo da testa do rapaz para expor uma cicatriz vermelha denteada.

— Vejo que és de facto o filho de Calcas — sussurrou Príamo. — Mas como vieste parar aqui?

O rapaz encolheu-se com medo e depois levantou-se. — Quando o meu pai foi para Delfos, o oráculo ordenou-lhe que ficasse do lado dos gregos. Foi o que ele fez. Mas eu não podia. Já viram estes gregos? Estão sempre a discutir e nem sequer ficaram agradados em receber o meu pai. O que foi que disseram? *Adoro traição, mas odeio traidores!* Como se uma pudesse existir sem a outra. E o meu pai não era nenhum traidor, mas tinha sido instruído por Pítia a unir-se aos gregos. Quem poderia desobedecer? Todos temos de nos vergar perante o oráculo. Mas eu não podia seguir o meu pai. O oráculo não tinha falado para mim. E eu sei o que é certo e o que é errado. E é errado abandonarmos a nossa cidade, a não ser que recebamos instruções especiais dos deuses. E, por isso, imploro-vos que me levem de volta. Deixem-me regressar a Tróia.

Os olhos de Príamo estavam banhados de lágrimas; os de Heitor também.

— Como é que podemos saber que és mesmo filho de Calcas? — Foi Gelanor quem proferiu estas palavras. — Confiamos simplesmente na palavra deste rapaz?

— Não precisamos da palavra dele, podemos constatar com os nossos próprios olhos. — Príamo apontou para a cicatriz.



PARTIMOS de regresso a Tróia, levando connosco o rapaz. Ele falava muito pouco e mantinha sempre os olhos baixos. Pouco depois, o templo já não passava de um ponto branco num vale verde. Sorri quando pensei no sacerdote e nos seus ratos fedorentos; a minha serpente iria, sem dúvida, gostar de divertir-se no meio de criaturas tão deliciosas. Gelanor parecia preocupado; eu sabia que ele estava a pensar nas roupas potentes guardadas nas arcas e a indagar-se como, e em que circunstâncias terríveis, poderia usá-las. Seria uma escolha cruel, se alguma vez tal acontecesse.

Heitor e Deífobo estavam de pé, agarrados às grades da carroça, ombro contra ombro. Eu conseguia ouvir as suas palavras murmuradas apesar do rangido e do barulho das rodas. Heitor estava preocupado com a debilidade de uma zona mais ocidental da muralha; Deífobo estava mais preocupado com os líderes gregos, particularmente Aquiles. Nunca mais fora visto desde o desembarque. O que estaria a fazer? Ter-se-ia ferido ao desembarcar? A voz de Deífobo ergueu-se, esperançosa.

Eu achei que devia contar-lhes o meu estranho encontro com Aquiles. Tinha pensado muito sobre o assunto desde aqueles dias em Ciros. Levantei-me e toquei no ombro de Heitor. — Quando Páris e eu vínhamos a caminho de Tróia, parámos na ilha de Ciros — disse-lhe eu. — Lá, vi Aquiles disfarçado de rapariga na corte do rei.

Heitor franziu o sobrolho. — Tens a certeza? — A hesitação na sua voz profunda revelava que ele pensava tratar-se de imaginação minha.

— Sim, absoluta. Vi-o ainda criança, há alguns anos, e conhecê-lo-ia em qualquer parte. Mas nessa altura não pude interrogá-lo e agora não compreendo como é que ele apareceu aqui com o exército.

— Uma rapariga? Ele estava vestido de *rapariga*? — zombou Deífobo.

— Sim, juro que sim! — Nenhum dos dois acreditava em mim.

Páris juntou-se a nós. — Não me recordo de me teres contado isso. Decerto terias contado.

— Não estou a ver que diferença pode isso fazer — disse Príamo, olhan-

do-nos de debaixo das suas espessas sobrancelhas. — Ele agora está aqui e é só isso que interessa.

— Mas não entendem? Talvez ele esteja perturbado! — disse eu.

— Eu sei o que aconteceu. — Uma voz suave fez-se ouvir do fundo da carroça. — Posso contar-vos. — Era o rapaz quem falava. — Helena está a dizer a verdade. Aquiles foi mandado para Ciroso pela mãe, que queria protegê-lo. Ela não queria que ele fosse para Tróia... era filho único e ainda muito novo. Mas os gregos estavam decididos a tê-lo e por isso perseguiram-no até à ilha. Então, em vez de lutarem com ele (pois, verdade seja dita, até aqueles guerreiros experientes temiam isso), conseguiram levá-lo a denunciar-se. — Os olhos de Hilo, meigos e castanhos, olharam para os homens em busca de aprovação.

— Vem cá, filho — disse Deífobo, levantando-o e apertando-o contra si. — Conta-nos como foi que o enganaram.

Heitor deu meia volta e concentrou a atenção em Hilo no momento em que este pigarreava.

— Foi muito astucioso — disse o rapaz. — Odisseu ainda se vangloria por isso. Ele e Diomedes foram até à ilha para fazer uma visita ao rei, esperando descobrir Aquiles. Mas após vários dias de banquetes e de jogos e tudo o mais, ainda não havia sinal dele. Então foram até ao navio e regressaram com presentes para as filhas do rei (e ele tinha muitas, muitas filhas): espelhos, véus, pulseiras e brincos. E meio escondido no meio estavam um escudo e uma lança. Enquanto as raparigas se entusiasmavam com os presentes que Odisseu lhes entregava, fora do palácio Diomedes começou a fazer barulho com objectos de bronze e a soltar gritos de guerra como se estivessem a ser atacados. As raparigas começaram a gritar e a fugir; Aquiles lançou-se ao escudo e à lança e correu em sua defesa.

— Realmente muito artiloso — resmungou Príamo.

— Oh, no acampamento imitam Aquiles a deitar fora o véu e o manto e a arrancar o broche do ombro, e resulta sempre em risota.

— Sim, posso imaginar — disse Heitor. — Infelizmente, Helena, ele não está perturbado. Então enfrentamos um adversário bem treinado e com vontade de aqui estar. E, quanto a Odisseu, espero que não utilize a sua esperteza contra nós.

— Este Aquiles... — Deífobo virou-se para trás para se agarrar aos lados da carroça. — Porquê tanta preocupação com ele? Não passa de um homem. Nem sequer é bem um homem, é mais um rapaz.

Hilo encolheu os ombros. — Não sei, só sei que foi o centro de muita conversa. Talvez eles precisassem de criar um Hércules para esta aventura, e é sempre mais fácil criar uma fábula maravilhosa a partir de alguém desconhecido.

Gelanor riu-se. — Muito astuto, rapaz — disse ele, observando-o de perto. — Tu pareces saber muita coisa. — O riso desvaneceu-se.

— Já conhecemos as habilidades dos outros — disse Heitor. — Agamémnon é um lutador feroz, mas falta-lhe a coragem que inspira lealdade nos seguidores. Diomedes é um bom soldado jovem, mas não tem capacidade para liderar. O grande Ajax de Salamina luta bem corpo a corpo, mas não tem inteligência; mais, o seu corpanzil torna-o praticamente imóvel. O pequeno Ajax de Locria é pequeno em todos os sentidos: um homem mau e brutal que gosta de atormentar as vítimas. A sua única virtude enquanto guerreiro é a corrida veloz, por isso é capaz de perseguir um oponente. Idomeneu é famoso pelo manejo da lança e luta bastante bem, mas a sua idade significa que não consegue correr depressa; tem de adoptar uma posição firme onde quer que esteja. E Menelau não é um lutador de primeira. É demasiado compassivo. — Virou-se e olhou para mim. — Perdoa-me, Helena.

— Porque me pedes desculpa? Eu nunca defendi as suas capacidades para batalhar. — Nem para qualquer outra coisa, pensei.

— Estás a tremer. — Páris sentou-se ao meu lado, soltou-me uma das mãos e envolveu-a com a sua. — Por favor, não temas o que aí vem. Vai correr tudo bem.

— Não estou com medo — disse eu. Mas estava.

*

A grande Porta Dardânia, já fechada para a noite, abriu-se para nós e chegámos em segurança ao outro lado das muralhas. Nada acontecera naquele dia; nenhum sinal de movimento nem de ataque por parte do inimigo. As tendas que nos sitiavam ainda estavam fixas no seu meio círculo, mas as posições ineficazes não ameaçavam Tróia. Hécuba deu as boas-vindas a Príamo e, pela primeira vez em muito tempo, vi o esboço de um sorriso no seu rosto. Talvez fosse mesmo correr tudo bem. Tudo iria passar; os gregos desmontariam as tendas depois do Verão, içariam as suas velas, declararíamos uma espécie de vitória para satisfazer a sua vaidade e ir-se-iam embora. Páris nunca precisaria de usar a armadura nova, e os alimentos armazenados em Tróia proporcionaríamos um bom banquete a muitos. Esvaziariamos as ânforas e cantaríamos para celebrar a nossa liberdade, tão facilmente ganha. Só os jovens guerreiros, tão ansiosos por se pôr à prova no campo de batalha, ficariam decepcionados.

*

Muitos dias se passaram assim, com Príamo reunindo-se com os velhos amigos guerreiros sob o sol do pórtico, onde tagarelavam como passarinhos e passavam mais tempo a recordar as batalhas da juventude do que a planear a que se anunciava. No meio deles, Príamo parecia perder as rugas e até o cabelo parecia menos grisalho; acarinhava os seus cães de estimação, que se aglomeravam em volta na esperança de conseguirem alguns restos de comida enquanto abanavam energicamente as caudas.

Até então as pessoas podiam ir livremente às fontes e ao Monte Ida, e Troilo podia dar de beber aos seus cavalos na fonte perto do templo de Apolo Timbreu. É claro que para norte tudo tinha sido cortado e os ramais mais baixos do Escamandro tinham acesso interdito. Isto acabou com o lucro garantido que os troianos faziam com os navios acostados que precisavam de água, mas não havia nada a fazer. Heitor decidiu enviar um grupo para leste em direcção a Dárdano e Abido para ver se havia alguma incursão grega por lá. Seleccionou um pequeno grupo de homens e traçaram um caminho pelo sopé das montanhas e através das florestas, usando trilhos conhecidos apenas dos caçadores. Entretanto, as espias prostitutas forneciam-nos informação divertida, se não estratégica, sobre os gregos acampados.

Parecia que Agamémnon já tinha construído uma cabana de madeira e a tinha enchido de mulheres. Ele passava a maior parte do tempo no interior com elas, saindo apenas, com joelhos trémulos e uma cara atordoada, para passar revista às tropas ou para comer. Um soldado maldizente, Tersites, levava os companheiros a injuriá-lo pelas costas. Todos se riam disto, mas eu sentia uma grande angústia ao pensar nele divertindo-se enquanto Clitemnestra esperava em Micenas, sofrendo com a morte da filha. O porco nojento!

Menelau deambulava pelo acampamento, de sobrolho carregado e resmungando; nunca nenhuma das mulheres o tinha visto sorrir. Pelo contrário, Odisseu estava sempre bem-disposto e elogiava toda a gente, ávido por proporcionar bons momentos na cama às mulheres. Mas arranjava sempre forma de não ter nada quando chegava a hora de pagar. E Idomeneu mantinha uma mesa bem apresentada, com diversão e muito vinho, tão gracioso como se estivesse a receber visitas em Creta. O seu sexo era também refinado, se bem que um pouco lento para a idade. Pagava sempre extravagantemente. Os Ajax — grande e pequeno — não eram recomendados. Um era demasiado grande, o outro demasiado pequeno, e eram ambos avarentos. E todas concordavam que Diomedes era provavelmente o melhor do grupo, em termos de competência e vigor.

*

Gelanor mantinha-se ocupado a estudar como os nossos «amigos animais e vegetais», como os descreveu, poderiam ajudar-nos no esforço de guerra. Sempre bem informado quanto aos venenos na Grécia, desdobrava esforços para aprender acerca dos venenos locais que pudesse usar em flechas e fumo. Havia certo tipo de plantas tão venenosas, que o mel feito das suas flores e o fumo dos seus ramos eram fatais. Claro que o problema em utilizar fumo era que este podia voltar para trás e afectar quem o estava a direccionar. A utilização de venenos requeria o maior dos cuidados. Era importante construir aljavas com tampa para proteger o arqueiro das pontas envenenadas, ou talvez fazer uma bolsa que contivesse o veneno e mergulhar a ponta das setas só no último momento. O mesmo se aplicava aos animais de ataque — bombas de escorpiões ou de vespas podiam ser arremessadas para dentro de acampamentos inimigos, ou podiam soltar-se cães enfurecidos: estas eram todas armas de último recurso, já que eram tão difíceis de controlar. A única excepção era uma mistura de terras e pedras do chão que se incendiava quando o Sol as aquecia. Muito útil para espalhar nas tendas ou carros do inimigo, mas isso significava ser preciso estar-se suficientemente perto para o fazer, o que era pouco provável.

— E pensar que um simples arco é considerado um pouco de batota — disse eu a Gelanor. — Isso parece-me heróico quando comparado com coisas como fumo que obscurece o ar, escorpiões que chovem do céu, vestes com a peste.

— Por favor! Chamemos-lhes «flechas de Apolo». Acho que é esse o nome educado para a peste.

— Como queiras — disse eu. — Então os templos de Apolo armazenam as doenças de guerra, e os de Atena as armas de guerra?

— Sim. Cada deus tem o seu arsenal próprio. E Ares está algures no meio: a sua guerra não é disciplinada como a de Atena, mas acompanhada de pânico e de medo, como os que a peste espalha.

O meu sorriso desvaneceu. — Oh, Gelanor, espero que nunca tenhamos de usar nenhuma dessas coisas.

— Eu também. Ainda assim, é confortante tê-las à mão.

*

Os nossos homens partiram em direcção a leste num dia perfeito e soalheiro. Seria um dia óptimo para cavalgar pelos campos, fosse aquele um dia normal. Os homens saíram pela porta oriental, percorrendo a passagem complicada e labiríntica, e acenando depois em despedida a quem estava nas muralhas, e seguiram campo fora, desaparecendo no meio da mata.

— Estou preocupada com Eneias e Creúsa na Dardânia — disse

Hécuba, que os observava das muralhas. — Quem me dera tivessem ficado em Tróia!

— Mãe, sabe muito bem que Eneias é rei da Dardânia. Ele precisa de estar com o seu povo — disse Heitor. A sua voz era tranquilizadora. Poderosa e forte, havia algo inatamente estabilizador no modo como ele falava. — Não me parece que algum grego se tenha aventurado a sair da nossa praia. Mas vamos enviar um grupo para verificar isso.

— Os gregos estão demasiado sossegados — disse subitamente Príamo, do outro lado de Heitor. — Não gosto disto.

Heitor riu-se com vontade. — Isso é porque o senhor e os seus velhos companheiros querem luta.

Príamo virou-se e olhou para ele. — Não. Não sou nenhum velho tonto, Heitor. Não me tomes por tal. Estava a falar a sério. Os gregos estão demasiado sossegados. Eles não vieram de tão longe para ficarem a descansar nas tendas e a divertir-se com prostitutas.

— Talvez a batalha lhes parecesse mais convidativa na Grécia rochosa — disse Heitor. — Aquilo que se imagina nunca é igual à realidade.

— Não gosto disto — repetiu Príamo.

*

Passaram-se dias. Os homens deviam ter regressado. Os magníficos dias de Verão continuavam, troçando de nós por nos deixarem a olhar para a vazia e convidativa Planície de Tróia. A feira deveria iniciar-se em breve, mas agora não podia. Tróia deixou de ter receitas. E isso era muito mais substancial do que a perda dos direitos da água. A própria presença dos gregos, sem qualquer tipo de luta, estava a começar a causar prejuízos.

Quinze dias depois, Heitor disse que iria enviar um grupo para ver o que tinha acontecido. Antes de os homens estarem equipados, um sobrevivente do primeiro grupo emergiu dos bosques e desfaleceu no campo mais perto de Tróia. Vimo-lo ali deitado e enviámos uma carroça para o socorrer.

Com expressões compungidas, os carregadores de padiolas carregaram-no pelas ruas de Tróia até sua casa. Os médicos esforçaram-se freneticamente para lhe salvar a vida. Tinha sido espancado e esfaqueado; uma perna estava partida e o osso projectava-se do tornozelo. Um médico saiu da casa abanando a cabeça. A perna estava já a ficar negra com podridão. No momento em que o homem entrou em delírio, Heitor questionou-o. Agitado e febril, mal conseguindo formar palavras, ele disse que o grupo tinha caído numa emboscada.

— Foi como se soubessem exactamente onde nós estávamos — sussurrou. — Estavam à nossa espera.

— Quem? Quem?

— Os gregos — disse ele. — Era essa a língua deles, o grego especial que eles usam lá. Não o nosso grego. — Encolheu-se, agarrando-se ao tornozelo doloroso. — Tiveram muito prazer em chacinar-nos. Primeiro mataram Oeax. Antes que Hileo conseguisse reagir, trespassaram-no pelas costas. Havia gregos por todo o lado.

— Quantos? — perguntou Heitor.

A cabeça do homem pendeu.

— Tenta. Tenta. Precisamos de saber! — disse Páris.

— Muitos. Dez. Vinte. Não sei! — A voz dele ergueu-se num grito e depois cessou. A boca ficou aberta.

O médico curvou-se e encostou o ouvido ao peito do homem. — Está morto — disse finalmente. — O massacre está completo.

*

Heitor estava furioso e desnortado. O inimigo tinha tido conhecimento dos nossos movimentos. Agora as expedições ao Monte Ida e às fontes já não pareciam tão convidativas.

— Como podemos vencer, se os gregos conhecem os nossos movimentos?

— Talvez se tenham cruzado por acaso com os nossos homens — disse Troilo.

— Não, o sobrevivente disse que estavam à espera deles, prontos a atacar — disse Deífobo.

— Talvez um dos videntes deles os tenha avisado — disse outro homem. — Aquele Calcas, por exemplo!

— Não, o meu pai não consegue ver coisas dessas! — disse Hilo que se encontrava afastado a um canto. — Ele só consegue interpretar presságios, voo de aves, entranhas e coisas do estilo.

— Estão a manter-nos aqui presos — resmungou Heitor, quando nos tínhamos reunido no seu *megarón* com os seus amigos. Aquela não era uma assembleia normal; não havia anciãos e Príamo não estava incluído. Era apenas conversa entre guerreiros mais jovens. Ele não estava sentado na cadeira de honra mas andava de um lado para o outro, de maxilar bastante tenso. A voz normalmente pacificadora continha laivos de raiva e de mais alguma coisa. — Vão estrangular-nos lentamente.

— Não podemos enviar mais grupos desarmados — disse Deífobo. — Temos de estar sempre protegidos.

Levantou-se um burburinho, com toda a gente a discutir o problema. O jovem Troilo disse que achava que a fonte, por estar tão perto do templo de

Apolo Timbreu — que os gregos consideravam território neutro — ainda seria um local seguro, e que tencionava continuar a usá-la para dar de beber aos cavalos. Não queria fazer exigências no que dizia respeito ao fornecimento de água no interior das muralhas quando havia tanta água mesmo ali perto. Alguns homens lamentaram a perda da feira, dizendo que os mercadores eram todos uns cobardes e que aquilo era a prova. Viravam costas e fugiam ao mínimo sinal de confusão.

— Mínimo sinal? — disse Heleno, afastando o cabelo farto da testa. — Eu diria que isto é mais do que um mero sinal. Os navios nem sequer têm onde atracar; os gregos ocuparam a linha toda da costa. — Como habitualmente, Heleno foi moderado, mas as suas palavras tinham grande significado. Parecia que ele nunca falava sem ter pensado muito bem antes.

— Então eles irão para outro lado — lamentou-se Heitor. — Mais para sul. E nós vamos perder tudo.

— Sim, é possível que isso aconteça, se no próximo ano por esta altura a guerra ainda não tiver terminado — disse Heleno.

Estava a fazer-se tarde e, através das portas abertas do *megarón*, conseguíamos ver a luz a desaparecer. As mulheres casadas e solteiras juntaram-se a nós; como eu já disse, eu estava presente em muitas reuniões de onde normalmente as mulheres estavam excluídas. Agora Andrómaca entrava, seguida pelas cunhadas, Laódice e Cassandra, e pelas esposas dos outros homens. Os músicos vinham atrás e, finalmente, os carregadores de tochas.

— Ficaram aqui muito tempo. Já é noite — disse Andrómaca, tentando soar o mais descontraída possível. — Homens! — Colocou-se ao lado de Heitor. — Deixem lá a conversa da guerra e vamos desfrutar de vinho e música.



O vinho não apagou os problemas das nossas cabeças, mas mascarou-os com uma neblina suave. Andrômaca esforçou-se por criar a camaradagem das reuniões anteriores à chegada dos gregos. Mas o inimigo tinha penetrado no próprio salão.

Páris e eu regressámos lenta e desanimadamente para a nossa casa. Então, pensando em Páris, no meu amor por ele, enfiei-me debaixo do suave lençol de linho, sentindo a sua frescura acariciar-me as costas, e estendi os braços para ele.

— Vem, meu amor — disse eu. — Vamos zombar do inimigo.

*

O Sol enviou os primeiros raios para dentro do nosso quarto, mas as portadas espessas que Páris tinha concebido repelia-os. Então, à medida que ia subindo mais alto, o Sol atingia implacavelmente a Planície de Tróia, fazendo o solo ressequido emitir ondas de calor e o mar ondular diante dos nossos olhos quando nos debruçávamos sobre as muralhas para tentar ver a costa. Estava tudo muito quieto; o habitual vento de norte tinha cessado, deixando-nos presos sob uma massa de ar quente.

Páris e eu tentávamos vislumbrar o acampamento grego, mas as ondas de calor, dançando e distorcendo tudo, não nos deixavam ter a certeza daquilo que estávamos a ver. Nessa altura, Príamo e Hécuba juntaram-se a nós, levando consigo um homem já velho e cego. Príamo falou com o cego e depois recuou. O homem agarrou-se ao parapeito da muralha e ficou, sem ver, a planície. Depois levantou um braço magro de pele flácida. — Escutem-me, pedras! — Passou a outra mão pelo topo do muro. — Escuta-me, grande muralha! Escutem-me, grandes torres! Eu abençoo-vos e encarrego-vos de protegerem Tróia.

Um murmúrio de vozes dos troianos presentes repetiu as palavras. Depois o homem estendeu os braços por cima do muro. — Escuta-me, solo da planície! Escuta-me, mar rumorejante! Escutem-me, inimigos! Lanço

hoje uma maldição sobre vós, se pensarem fazer mal a Tróia ou tocar no seu povo. As vossas línguas secarão e fenderão o céu das vossas bocas, o vosso solo endurecerá e nunca mais nada crescerá dele, as vossas ondas transformar-se-ão em veneno. — Bateu as mãos com força. — Assim amaldiçoou o inimigo de Tróia, e todas as coisas que os possam ajudar.

Gritos de aprovação encheram o ar pesado e Príamo abraçou o homem. Depois regressaram para dentro do palácio.

Heitor aproximou-se de nós a passos largos e abanou a cabeça. — Dizem que um cego tem poder para lançar maldições sobre um inimigo, se o fizer das muralhas da cidade. Eu não acredito nisso, mas ficaria agradado se assim fosse.

— Eh. — Esaco aproximara-se por trás dele. — As pessoas acreditam em demasiadas coisas destas. É tudo disparate. — Esaco era um homem franzino, do tipo que acreditava normalmente em magia e em forças maiores que as suas, quanto mais não fosse porque precisava de ajuda. Mas, surpreendentemente, Esaco zombava de muletas dessas.

Heitor semicerrou os olhos em direcção à planície. — De qualquer modo, acho que veio tarde de mais para fazer mozza aos gregos. Eles já se instalaram.

Seria uma nuvem de pó que se erguia perto dos navios?

— Não — murmurei, olhando para onde ele apontava. Mas eu via realmente alguma coisa agitando-se, embora não conseguisse discernir o quê.

— Às armas! — gritou Heitor aos homens na muralha. — Às armas! Vou chamar os outros — disse ele a Páris.

Páris virou-se rapidamente para mim. — A minha armadura. Está na hora.

Tinha mesmo de ser? Teria ele de a colocar finalmente? Eu queria que ela ficasse para sempre trancada na sua arca, o bronze esverdeando lentamente, o couro enrijecendo.

— Sim — disse ele. — Vem comigo. Rápido!

Corremos para nossa casa e, sem olhar para trás, Páris subiu os degraus até ao quarto mais alto, o que tinha vista para toda a Tróia e a sua planície. Ali, bem abaixo de nós, eu podia ver agora o exército aproximando-se da cidade. A nova armadura de Páris estava ali guardada, e ele pegou-lhe e sacudiu-a. Ela retiniu, as suas peças metálicas ajeitando-se umas contra as outras.

— Ajuda-me! — gritou ele, bastante fora de si. — Despacha-te! — Tinha chamado o criado, mas o rapaz não tinha aparecido. — Não posso esperar. — Tremendo, eu apertei as presilhas e as tiras de couro, executando os ritos de um companheiro de guerra. Pouco a pouco, o Páris que eu conhecia desapareceu atrás de uma parede de bronze e couro.

Ele era tão novo. Não, não podes ir, gritei eu por dentro. E recordei-me de quando, tanto tempo antes, precisara de escolher um pretendente e excluía todos os que eram mais novos. Eu dissera naquela altura que alguém mais jovem iria vergar-se muito a mim e saber menos que eu. Agora sabia que tal era falso e a juventude dele era tão preciosa que eu não suportava sacrificá-la, independentemente do motivo, antes de tempo. Brilhava como uma estrela. Agora a sua luz estava ofuscada debaixo do elmo.

— Não vás — ouvi-me dizer. Mas não achava que ele fosse dar ouvidos.

O novo desconhecido à minha frente aguardou um momento antes de responder. — Tu, mais do que ninguém, não deverias dizer isso — foi tudo o que ele disse. Dobrou-se para a frente e deu-me um abraço metálico.

*

Os gregos atacavam em pleno, marchando resolutamente em direcção às muralhas de Tróia. Pareciam preencher toda a planície, enxameando como insectos e, ao marcharem, as suas armaduras faziam um som rumorejante seco, como pernas de gafanhotos roçando umas nas outras.

— Ocupem as vossas posições — disse Príamo, ordenando aos mais velhos que ocupassem os seus postos junto às pilhas de pedras; os arqueiros mais jovens deviam subir para as torres e preparar-se para os inimigos que se aproximassem mais.

Os soldados saíam em fila pelas Portas Ceias, sob o olhar da Grande Torre de Ílion que estava apinhada de arqueiros. Mas os gregos não paravam. Agora atacavam as muralhas, gritando e berrando.

— Helena, vem! — Hécuba agarrou-me pelo ombro e tentou arrastar-me. — Temos de nos afastar das muralhas!

Príamo tinha recuado, com os velhos conselheiros à sua volta, afastando-se. — Agora cabe aos mais novos — disse ele, dirigindo-se apressadamente para o cume, de onde poderia assistir do terraço do palácio.

Os troianos atacaram, emergindo das portas, mas estavam em grande desvantagem numérica em relação aos gregos locustídeos. Eu encolhia-me ao observá-los; a bravura conduz à glória, mas não consegue suplantar probabilidades esmagadoras. Livrei-me de Hécuba e voltei para as muralhas; não suportava afastar-me. Lá em baixo vi a companhia de troianos, mas Páris não estava entre eles. A partir das torres, os defensores disparavam flechas para manter os atacantes à distância; das fileiras gregas mais recuadas, fundibulários lançavam pedras sobre as nossas muralhas. Estas voavam pelo céu e caíam violentamente no interior das muralhas, causando estragos que uma seta, com uma trajectória diferente, não conseguia. Os troianos gemiam e caíam, derrubados pelas pedras voadoras.

Uma companhia grega aproximou-se da Grande Torre e das Portas Ceias, mas os gregos estavam estranhamente lentos. Os troianos voltaram a atacar e lançaram uma chuva de flechas na sua direcção, mas os gregos nunca se aproximaram suficientemente para serem atingidos. Do lado leste da cidade, eu conseguia ouvir gritos; também lá as muralhas estavam a ser atacadas.

Então ouvi um grito arrepiante vindo ali de perto e depois guinchos ao meu redor. Uma cara sorridente surgiu por cima da muralha e um homem saltou para o interior. Aquele foi rapidamente dominado, mas muitos outros se seguiram.

— A muralha ocidental! — gritou um dos guardas. — Eles estão na muralha ocidental!

Pelo menos dez soldados gregos treparam pela muralha ocidental antes de serem chacinados pelos troianos. Mas atrás deles vinham centenas, procurando avidamente apoios para as mãos e para os pés nas pedras soltas do trecho mais fraco das muralhas de Tróia. Ouviram-se berros de entusiasmo vindos da planície.

Trepei para cima de um monte de pedras e espreitei lá para baixo de um ponto seguro. Os troianos tinham-se virado para combater os gregos na base da muralha ocidental, tentando obrigá-los a recuar. Os nossos defensores do topo atiravam pedras sobre os adversários, enquanto os nossos guerreiros lutavam com eles corpo a corpo.

Gelanor apareceu a correr com um carrinho coberto, empurrando-o rua acima. — Aqui! Aqui! — gritou. Um grupo de guardas cercou-o e deslocaram-se rapidamente até à muralha. Arrancaram a cobertura do carrinho de mão, revelando um monte de areia que começaram a colher com potes de barro e a despejar para fora da muralha. Areia escaldante para queimar por entre as peças de armadura. Quando atingia as suas vítimas, ouviam-se uivos que ressoavam até aos céus.

Pouco a pouco os gregos recuaram, abandonando a muralha ocidental. Eu conseguia agora distinguir alguns dos troianos, conseguia ver Heitor avançando a passos largos perto do grande carvalho que crescia junto às Portas Ceias. Com a retirada dos gregos, os troianos dispersaram-se. Ainda não conseguia ver Páris.

De repente vi alguém correndo em direcção ao carvalho, ao encontro de Heitor. Ele deslocava-se com uma velocidade estonteante, saltando e pulando como um animal, embora estivesse totalmente coberto pela armadura. Um momento antes de Heitor o avistar, ele aproximou-se brandindo uma lança colossal. Heitor virou-se e recuou para ganhar equilíbrio, com o outro homem praticamente em cima dele. O homem atirou a lança e falhou por um triz, correu a apanhá-la e fez de novo pontaria.

Nesse instante, Heitor desviou-se e conseguiu escapar ao lançamento seguinte, que passou longe. Agora o atacante já não tinha lança e agarrou na espada, avançando sobre Heitor. Heitor ergueu o escudo e depois, esticando bem o braço, arremessou a própria lança. Esta passou rente ao elmo do homem, tão perto que decerto ele terá ouvido o seu sussurro. O homem virou-se para ver onde é que a lança tinha caído para poder apanhá-la e, nesse momento, Heitor fugiu em direcção às Portas Ceias, rapidamente abertas para que ele entrasse. As portas fecharam-se logo em seguida, no momento em que o adversário batia com os punhos cerrados e gritava: «Cobarde! Cobarde!». Os seus punhos deviam ser de metal, de tanto barulho que faziam contra as espessas portas de madeira. Mais tarde verifiquei que ele tinha mesmo amolgado as portas: uma série de depressões na madeira folheada a bronze mostravam onde os punhos tinham batido.

Heitor, de olhos arregalados, arrancou o elmo da cabeça. A sua cara escorria suor, o peito oscilava velozmente. — Agora vejo que o que dizem dele é verdade — resmungou.

— Quem? Quem? — perguntei a um dos guardas que rodeava Heitor.

— Aquiles — disse o guarda. — Aquele demónio era Aquiles.

— Dizem que ele consegue correr mais depressa que um veado — disse Heitor. — Eu já tinha ouvido dizer, mas pensei que se tratava apenas de uma força de expressão. Agora sei que não é. Ele é muito superior a qualquer guerreiro humano que eu já vi.

— Cobarde! Cobarde! — As palavras ainda se ouviam.

Heitor abanou a cabeça como se quisesse afastá-las. — Nunca ninguém me chamou cobarde — murmurou por entre dentes.

— Nem és — disse Príamo, que tinha descido apressadamente do cume, as suas vestes esvoaçando atrás.

Eu espreitei por cima da muralha para ver onde estava Aquiles. Os seus gritos e murros tinham cessado e ele estava a afastar-se da porta, pondo a lança ao ombro. Debaixo das placas que protegiam as suas faces e o longo nariz, vi os lábios finos contraídos numa linha estreita. A sua armadura era esplêndida, decorada com motivos trabalhados na couraça e no escudo. Mais ninguém tinha algo remotamente parecido; até as grevas cintilavam prata. Aquele era o menino que tinha insistido em correr contra o cansado Menelau colina acima, o rapaz que havia escondido os braços muscudos sob uma túnica de rapariga em Ciro. E ainda era, com cerca de dezoito anos, um corredor veloz, mas parecia que corria apenas para cumprir a ordem de Menelau. Nesse preciso momento, ele virou a cabeça para cima e viu-me.

— Helena! — gritou. — Então estás mesmo aqui em Tróia! Vieste ver os

teus? Vieste regozijar-te connosco? Vejam, aqui está ela! — Aquiles fez sinal às suas coortes, apontando para mim.

— Eu disse-te para não ficares nas muralhas! — Hécuba puxou-me para trás. — Podes causar grande estrago estando visível!

Tinha sido essa a minha maldição a vida toda.

— Temos de garantir a tua segurança — disse Hécuba com rispidez. — É nosso dever proteger-te.

Os nossos guerreiros estavam a voltar para a cidade; o encontro tinha terminado. Eram recebidos com gritos de aprovação. Mais tarde, os velhos conselheiros e os comandantes conferenciariam sobre os erros cometidos, sobre os pontos fracos na defesa troiana e como corrigi-los. Mas, naquele momento, era suficiente o facto de os homens terem regressado sãos e salvos e o ataque à muralha ocidental ter sido repellido. Vários soldados gregos jaziam mortos na base da muralha, esmagados por pedras lançadas sobre eles ou mortos por caírem do alto da muralha.

Não houve qualquer comemoração oficial, mas os espíritos estavam animados e, naquela noite, grupos de jovens, acabados de ter a sua primeira breve incursão no mundo da guerra, desfilaram pelas ruas, cantando e bebendo. Páris e eu podíamos ouvir as suas vozes ecoando de parede a parede nas ruas, mas tremíamos no nosso quarto. Páris estava bastante satisfeito por se ter despojado da armadura, que jazia agora num monte dentro do baú de madeira, e não parava de dizer: «Eles não estão a brincar. Eles não estão a brincar. Estão aqui para travar uma guerra». Ele agia como se só agora acreditasse.

— Onde estavas? Não te vi — disse eu. Tinha-lhe pedido para que se deitasse na cama, para poder massajar-lhe as costas com óleo perfumado. Diversas tochas tremeluziam nas paredes, mas ainda assim a luz era fraca e o quarto tinha muitas sombras.

— Não devias ter estado a assistir — disse ele. Era difícil perceber o que dizia com a cara voltada para baixo. — É perigoso.

— Foi o que a tua mãe me disse — disse eu. — Não obstante, consegui assistir durante um bocado, antes de ser obrigada a recuar.

— Eu estava no lado oriental da cidade. Eles tinham também atacado aquela porta — murmurou ele. — Ah, isso é muito bom. — Eu estava a massajar-lhe os músculos debaixo das omoplatas, a extrair-lhes a tensão acumulada. — Mas, ainda assim, receio que amanhã vá estar dorido, já que não estou acostumado a carregar um escudo pesado. Esforcei muito o braço esquerdo.

— Viste...?

— Não reconheci ninguém. Eram todos estranhos para mim. — Espreguiçou-se e arqueou as costas. — É estranho, como eles sabiam da fra-

gilidade da muralha ocidental — reflectiu ele. — Normalmente ninguém esperaria que atacassem por lá, já que fica tão perto das Portas Ceias e da Grande Torre. A não ser que, de alguma forma, tivessem conhecimento da vulnerabilidade daquela zona.

— Como se alguém lhes tivesse dito — disse eu.

— Não é visível do outro lado — disse ele. — Ninguém teria motivos para desconfiar que é fina e fraca deste lado. Talvez um vidente. . .

— Ou talvez algo menor que um vidente, apenas um traidor comum — disse eu. — Capturaram algum troiano hoje?

— Não que eu saiba — disse Páris.

— Ainda bem. Pois um homem não precisa de ser um traidor para dizer o que sabe, se for suficientemente torturado.

Páris deslizou de debaixo das minhas mãos e sentou-se. — Tortura? Os teus conterrâneos torturam os presos?

— Eles afirmam que não, mas então porque é que os prisioneiros que capturamos se matam com tanta frequência?

— Então espero que não caia nenhum troiano nas mãos deles — disse ele finalmente.

O comandante grego, Agamémnon, não hesitara em sacrificar a própria filha, por isso era muito improvável que tratasse com meiguice os prisioneiros inimigos. Ninguém devia cair nas suas mãos. Que pena a minha irmã ter caído.



— **VAMOS** prosseguir mesmo assim! — anunciou Hécuba a sua decisão a Príamo, desafiando-o a contrariar a sua ordem. — A nossa filha não será privada do seu dia por causa dos gregos!

Poucos dias antes do ataque, Laódice tinha finalmente encontrado o seu noivo: Hélicon, filho de Antenor. Príamo e Antenor tinham tratado de tudo e Laódice estava zonga de alívio. Estava agora com dezoito anos de idade e desde que eu chegara a Tróia que parecia ansiosa por casar-se. Hélicon era um jovem atraente, apesar de estar sempre desalinhado. Ela pretendia provavelmente transformá-lo numa réplica do seu fastidioso pai.

Mas tudo isso fora antes da batalha em redor das nossas muralhas, antes de se ter derramado mais sangue troiano, antes de os nossos feridos mancarem pelas ruas. Assim sendo, a decisão de Hécuba foi uma surpresa.

— Mas o povo... — disse Príamo. — Não lhes parecerá zombaria, depois das nossas perdas?

— Não! Servirá para lhes mostrar que aqui em Tróia não nos deixamos abater com as nossas perdas.

Laódice virou-se para mim. — Helena, podias ajudar-me a escolher o vestido e as jóias. — Os olhos dela tinham aquela reverência que eu desejava que diminuísse, já que provocava ciúmes na família.

Jóias... pensei na estranha jóia que Menelau me tinha oferecido, com a ameaçadora mensagem: *Para Helena, minha esposa, para que ela tenha noção do custo do seu amor.*

Amor por quem? Por ele? Por Páris? Em qualquer caso, eu tinha deixado o broche dentro da sua caixa.

— Sim, sim, claro — disse eu. — Mas Ilona tem muito bom gosto para jóias. Tenho a certeza de que...

— Eu quero a *tua* ajuda — disse ela tenazmente.

Ao meio-dia estávamos no pátio de Príamo para dar início à cerimónia dos esponsais. Lá fora, ouviam-se os gritos das pessoas, que soavam ainda mais desafiantes que Hécuba. Saudavam os bravos reis e a sua celebração nas barbas do perigo.

Em Tróia, os esponsais eram as cerimónias mais vinculativas e solenes, mais do que o casamento. E tinham também outros rituais especiais: sete flores de sete colinas, sete vinhos de sete vinhas, sete águas de sete fontes sagradas. Todos misturados e passados de mão em mão numa confusão de cânticos e gestos que estabeleciam o compromisso troiano.

Em vez dos vestidos fluidos e perfumados que habitualmente usavam, as mulheres estavam vestidas de lã grosseira, não tingida. Era o toque pessoal de Laódice.

«Este é um casamento em tempo de guerra e nós temos de nos vestir em concordância», tinha dito ela. Também tinha pedido aos homens para usarem as túnicas e mantos que usavam no campo. Por isso éramos um grupo muito pouco colorido, sendo as únicas cores vivas o avermelhado dos cabelos de Cassandra e de Heleno e o brilho de ametista, âmbar e dourado nos pescoços, orelhas e braços.

Estavam todos presentes. Deviam ser bem mais de cem pessoas, já que os anciãos, os conselheiros, os primos e meios-irmãos tinham sido incluídos. Indaguei-me o que seria feito dos bastardos e das outras mulheres de Príamo. Passado aquele tempo todo, eu ainda não os conhecia formalmente, por isso, mesmo que lá estivessem naquele dia, eu nunca os reconheceria. Assumi que Hécuba não iria tolerar a presença das outras mulheres, pelo menos não naquele dia, mas os filhos podiam ser outra história.

— Tal como partilham connosco a alegria dos nossos esponsais, partilhamos convosco a dor das vossas perdas — disse Hélicon. — Não as encaramos de ânimo leve. — Ele próprio tinha estado no campo de batalha, mas regressara ileso.

— Vamos contribuir! — gritou Troilo do meio da multidão. — Vamos sacrificar-nos pela causa! — Avançou a passos largos e tirou um cesto de pão da mesa do banquete, despejando-o no chão. — Homens e mulheres de Tróia! O vosso ouro e jóias! — Retirou uma pulseira brilhante do braço e atirou-a para dentro do cesto. Mais alguém agarrou no cesto e lançou um anel lá para dentro. Mais cestos se seguiram e em pouco tempo estavam cheios de riqueza, as mulheres competindo entre si para ver quem conseguia tirar os colares e os brincos mais depressa.

Páris tirou o seu braçal e juntou-o à colecção. Eu indaguei-me se deveria esgueirar-me para ir buscar o broche de Menelau. Teria uma utilização irónica.

— Para eles é um jogo. — Heitor falava em voz baixa ao meu lado. —

Não compreendem. Ainda não. — Parecia cansado. — Mas nós compreendemos, não é, Helena?

Eu recuei para que não nos escutassem. Páris estava a conversar avidamente com Heleno e não reparou.

— Não sei se percebo o que queres dizer — sussurrei.

— Conheces os homens que vieram cá, do que eles são capazes. Eu conheço o homem que enfrentei lá fora: Aquiles. Agora temo o que sei que deve vir por aí.

— Tróia pode contar com a tua coragem — disse eu. Assim que acabei de as proferir, as palavras soaram-me como um agrado a uma criança.

— Desiludes-me — disse ele. — Não pronuncies palavras bonitas, simbólicas. Sabes qual é a verdade. — Olhou com tristeza para a multidão entusiasmada, deliciada com os seus sacrifícios leves e voluntários. — Que tenham a sua hora de jogo. As outras horas seguir-se-ão em breve.

*

Laódice olhava embevecida para Hélicon, o seu futuro finalmente resolvido. Há certas mulheres que não descansam até conseguirem casar; e há outras que não descansam até se libertarem. Hélicon parecia alheio ao facto de ter acabado de aplacar Laódice e estava a sorrir por ter bebido de mais, algo cambaleante.

Deífobo deambulava por perto, de braço dado com o velho conselheiro Clítio. Juntos, lançavam-me olhares lascivos, precisamente o mesmo olhar, um rodeado de rugas e o outro não. Deífobo provocava-me sempre arrepios.

Os cestos de jóias estavam a abarrotar, as grinaldas de flores estavam a começar a murchar e o vinho já escasseava. A celebração aproximava-se do fim, e as pessoas estavam a começar a afastar-se, quando ouvimos um tumulto no exterior. Uma enorme multidão subia em direcção ao pórtico, gesticulando e gritando que alguém tinha uma mensagem para Helena.

— Ele que entre! — disse Príamo, dirigindo-se a elas do pórtico.

— Ele não está na cidade, está do lado de fora das muralhas e chama por Helena, rainha de Esparta.

— Então peçam-lhe que entregue a mensagem e que se vá embora — disse Príamo. — No dia dos esponsais da minha filha, não vou...

— Ele só fala com Helena. Se ela não aparecer nas muralhas, diz que amanhã lançará flechas em chamas para dentro da cidade.

— Matem-no!

— Não podemos, está protegido por um escudo gigantesco, que é tão alto como ele e meio circular como uma torre.

Ájax! Ájax tinha ido até às muralhas de Tróia para falar comigo. Mas Ájax não era homem de palavras, nem mesmo de pensamentos.

— Eu vou — disse eu. Não queria que o dia de Laódice, mesmo a chegar ao fim, fosse interrompido ou estragado.

— Não sozinha — disse Páris, colocando-se ao meu lado.

Quando chegámos às muralhas perto das Portas Ceias, vi o escudo de Ájax no campo, que parecia uma pequena fortaleza. Pus-me em cima da parte mais larga da muralha e gritei: — Helena, princesa de Tróia, está aqui. Fala!

— Só falo com Helena, rainha de Esparta! — Uma voz terrivelmente familiar ressoou de trás do escudo.

— Então vieste em vão, pois essa mulher não existe.

— Oh, eu acho que existe e que está a falar neste momento. — Agamémnon saiu de detrás do escudo.

O corpo forte e truculento, a cabeça erguida em arrogância — eu tinha esperança de nunca mais o ver. O tempo nada fizera para o tornar menos repulsivo para mim. Uma gargalhada horrível seguiu-se às suas palavras.

— A rainha de Esparta já não existe — insisti eu, mantendo a voz controlada. Hordas de troianos estavam alinhadas ao longo das muralhas à escuta, mas Agamémnon estava sozinha na planície.

— De facto, não, pois matou-se de vergonha por tua causa.

Mas eu já sabia disso e ele não podia aumentar mais a minha dor. Não respondi.

— E a actual rainha de Esparta está também a matar-se de vergonha! — berrou ele.

Eu continuei sem responder, mas fiquei o mais quieta possível como se, ao não me mexer, pudesse dispensá-lo.

— Não te perguntas se os teus irmãos estão ali no meu exército? Se te vieram buscar? Achas que te salvarão quando Menelau quiser vingar-se? Bem, minha senhora, não os procures mais, pois descansam sob o solo de Esparta!

Senti-me mexer, então, como se fosse cair das muralhas. Páris segurou-me.

— A tua mãe está morta, os teus irmãos estão mortos, a tua filha foi levada para Micenas e o teu marido odeia-te e deseja destruir-te. Por isso, pensa naquilo que fizeste por causa dessa amostra de homem que está ao teu lado!

Em vez de lhe responder, virei-me para os arqueiros na torre. — Matem-no se puderem, pois o covarde esconde-se atrás do escudo de outro guerreiro, encolhendo-se como um cão!

Ao ouvir isto, Agamémnon berrou de novo, mas enfiou-se atrás do escudo. Uma explosão de gargalhadas irrompeu dos troianos que assistiam.

— Vê como ele se esconde e treme — disse Páris, tirando um arco de um dos arqueiros da muralha e carregando-o rapidamente com uma flecha. Depois disparou-a e esta raspou com um tinido oco na extremidade do escudo de Ajax. Agamémnon baixou-se para a evitar.

Páris lançou uma segunda seta em direcção ao escudo e esta ficou presa no metal espesso, a oscilar.

Nessa altura surgiu um carro, conduzido por um cocheiro feroz. Agamémnon saltou lá para cima, segurando o escudo atrás de si; o carro afastou-se velozmente, as suas rodas projectando nuvens de poeira. O escudo parecia uma parede voltada para nós. Páris tentou atirar mais alto, para que o arco da trajectória da seta conseguisse passar por cima do escudo, mas eles estavam já demasiado longe.

— Um adereço de covarde e uma retirada de covarde! — gritou Páris à multidão. — É esta a coragem do alto comandante do exército inimigo.

A multidão riu-se histericamente e aplaudiu.

Mas, sozinha nos nossos aposentos, eu chorei. Os meus irmãos, os meus queridos irmãos mortos... Como? Como teriam morrido? Juntos, num acidente ou numa batalha? Separadamente, de doença?

— Pode não ser verdade — disse Páris, sabendo porque eu chorava sem eu nada precisar dizer. — Sabemos que ele é um mentiroso. Disse o que sabia que te iria magoar mais.

— Ele disse a verdade acerca da minha mãe — disse eu.

— Pode ter misturado verdades e mentiras. Afinal, ele engodou a própria filha à sua desgraça com uma mentira sobre casamento com Aquiles.

E poderia ser verdade o que ele dissera sobre Hermíone? Mandada para Micenas? — Hermíone...

— A tua irmã adora-a e pode ser melhor para ela estar com uma mulher que falará bem de ti — disse Páris. — Helena, pagaste muito caro por ter vindo comigo. Arrependes-te, sabendo o que sabes agora? — Puxou-me contra ele, tão facilmente como se puxasse uma pena. Eu sentia-me igualmente insubstancial.

— Não — disse eu. — Se eu estivesse de novo contigo no pátio ao luar em Esparta, e Eneias tivesse ido aprontar os carros, e eu pudesse dizer: *Não, vão sem mim*, não o faria. Em vez disso, diria, ainda com maior convicção: *Vamos para os carros e sair daqui o mais depressa possível.*

— Nessa primeira descida, a estrada era irregular e perigosa — disse ele. — E parece que somos perseguidos e que fugimos desde então.

Mas as recordações eram agradáveis. — Cranae, as ilhas, a passagem pelas portas de Tróia... pensei que estivéssemos finalmente a salvo. —

Agora a sensação agradável era substituída por um arrepio, como se Tróia tivesse subitamente ficado envolta numa neblina rasteira.

— Estamos seguros aqui — garantiu-me ele.

Eu não disse e não iria dizer-lhe que Heitor não pensava o mesmo.

*

Naquela noite, incapaz de adormecer, com imagens de Pólux e de Castor às voltas na cabeça, levantei-me da cama. Sentimo-nos mais acordados e sem sono quando estamos deitados ao lado de um companheiro que dorme profundamente.

Deambulei pelos cómodos, chegando finalmente àquele onde estava o meu tear vazio. Subitamente, naquele momento, decidi o desenho que iria criar nele. Iria mostrar ambos os lados da minha vida e uni-los num só tecendo-os num só desenho. Até ter confrontado Agamémnon nas muralhas, pensara que a minha vida antiga já não fazia parte de mim. Agora sabia que seria para sempre Helena de Esparta bem como Helena de Tróia. Dentro de Helena podiam existir muitas Helenas. Somente admitindo de novo a presença da Helena espartana em mim podia ela tornar-se inofensiva.

Iria — estava concentrada enquanto esboçava o desenho na minha mente — fazer Esparta no anel mais exterior da tapeçaria, delimitada na orla pelo Eurotas num fio azul-acinzentado. O círculo mais interior, num azul mais claro e vivo, seria o mar entre Esparta e Tróia, e o centro da tapeçaria seria Tróia, com a sua cidadela ao meio. E, pairando sobre as fronteiras destes mundos, estariam Perséfone e Afrodite, que me vigiavam.

Não podia esquecer-me. Tinha de fixar tudo naquele instante, pois de manhã já se teria desvanecido da minha mente e naquele momento era tão nítido. Procurei os pedaços de loiça de barro partida que guardávamos para aquele fim e, à luz ténue de uma lamparina quase extinta, esbocei o desenho, o desenho que iria unir os pedaços de Helena num todo.

*

A luz do Sol e um toque suave no meu ombro acordaram-me. Era manhãzinha cedo e Páris estava ao meu lado.

— Estou aqui — disse ele. Não disse, *Não sofras*, ou, *Não penses nisso*. Ele conhecia-me tão bem que sabia que isso seria impossível.



DURANTE os dias seguintes esteve tudo em sossego. Os gregos desapareceram atrás das suas linhas de navios — onde, segundo os nossos espiões, estavam a construir uma muralha defensiva — e teria sido fácil fingir que eles não estavam ali. Mas os dias de faz-de-conta tinham acabado.

Príamo convocou muitas assembleias e deixou todos falarem livremente. Uma ou duas vozes ergueram-se indagando sobre o que saberiam os gregos. Como teriam sabido do grupo que se dirigia a Dárdano? Como sabiam das fraquezas na muralha ocidental? Devia haver espiões entre nós.

Príamo ordenou que se fortalecesse imediatamente a muralha ocidental. Tínhamos sido poupados de um destino terrível que teria sido culpa da nossa anterior negligência.

Todos concordavam que a areia aquecida tinha funcionado impressionantemente bem e que os arqueiros das torres tinham causado danos ao inimigo. Gelanor informou que o seu trabalho com as bombas de insectos estava a correr bem. Ele esperava ter em breve recipientes de argila e de palha cheios de abelhas, vespas, escorpiões e formigas com ferrão prontos a lançar sobre o adversário.

Aquiles tinha assustado toda a gente quando aparecera furioso. A sua velocidade era especialmente assustadora: ele parecia correr sem sequer tocar no chão, deslizando sobre este, desdenhando-o. Mas Heitor salientou que seria fácil atribuir características estranhas a qualquer pessoa que se comportasse de forma imprevisível. A verdade era que, após alguns encontros, até o supostamente imprevisível se tornava conhecido. Aquiles era rápido; sabíamos agora. Já não iria surpreender-nos com isso.

Os membros do conselho de Príamo divergiam quanto aos preparativos futuros. Todos concordavam que nos tínhamos saído bem no primeiro confronto, mas o verdadeiro teste ainda vinha aí. Em que altura deveríamos mandar chamar os aliados? Agora estávamos em minoria em relação aos gregos, mas os aliados conseguiriam equilibrar mais as coisas. Contudo, mandar chamá-los exigiria dar-lhes alimento e abrigo, incrementando os números no interior das muralhas. Estaríamos preparados para tal?

Os filhos de Príamo começaram a discutir entre si. Heitor estava decidido a que travássemos cada batalha quando ela surgisse, mas não antes do tempo. Deífobo queria liderar um ataque sobre os gregos antes que eles terminassem de construir a sua muralha defensiva, queria levar a batalha até eles. Heleno aconselhava cautela, a responder apenas a uma provocação directa e talvez negociar antes disso. O jovem Troilo estava desejoso por se juntar à luta, embora Príamo o tivesse proibido de o fazer. Era ainda demasiado jovem, dissera o pai. Era a alegria da mãe. E precisava de ser protegido, porque... por causa de uma profecia que lhe dizia respeito e que Príamo mantinha em segredo. Troilo, levantando-se um dia na assembleia, desafiara o pai a revelar essa profecia que parecia impedi-lo de participar na guerra. Príamo recusara-se. Dissera que os nossos inimigos já sabiam demasiado e que, por ele, a manteria em segredo. Troilo declarara que isso era inaceitável. Inaceitável ou não, era assim que iria ser, respondera o pai.

*

À meia-luz do nosso *megarón*, na altura do ano em que acender o fogo aqueceria tanto a sala que seríamos obrigados a sair, estendemo-nos em volta da lareira. Eu tinha encomendado alguns paus de incenso, para termos a sensação de aconchego sem o calor, e tinha mandado colocar flores do campo em jarras nos quatro cantos da enorme lareira aberta, guardando cada pilar. Páris estava languidamente instalado na sua cadeira; aquela inacção estava a matá-lo. Ele precisava de poder entrar e sair, com ou sem luta. Troilo estava estendido aos seus pés.

— Quem me dera ser tu — disse ele, desviando o cabelo liso comprido da testa. — Nasceste suficientemente antes de mim para seres livre.

Páris riu-se. — O lamento dos mais novos — disse ele. — Ninguém gosta de ser o mais novo, mas no final de contas são os mais novos que estão melhor.

— Não percebo como — resmungou Troilo. — Não há nada de invejável em ser-se mais novo. Vêm sempre em último.

— Ou primeiro. Os mais novos têm sempre um lugar especial.

— Ora! — Troilo pousou o copo de vinho. — Não tem nada de especial.

— Eu sou a mais nova — disse eu. — Sempre gostei de ser a mais nova. Podia ver os meus irmãos e a minha irmã e traçar um rumo diferente. De certa forma, é como se experimentassem roupas diferentes por mim e vissem quais serviam.

— Nenhuma das roupas deles, ou vidas, te serviria — disse Troilo. — Não acho que isto seja justo.

— Troilo — disse Páris. — Fica aqui em segurança. Para quê arriscares

a vida por causa da minha... da minha... atitude? — Ele estaria prestes a dizer *loucura*?

— Aquilo que fizeste já te ultrapassou. Agora envolve-nos a todos.

Fez-se um silêncio absoluto. Troilo tinha razão.

Hilo entrou no *megarón*. Acenou-nos; ele entrava e saía alegremente, apesar do facto de o pai e os familiares o verem como um mau agouro. Juntou-se a nós ao pé das cinzas da lareira; de facto, começou a desenhar nelas com um pau.

— Conheces a profecia acerca de mim? — Troilo olhou suplicantemente para Páris.

— Sim — disse Páris.

— Podias contar-ma?

— Não. É muito infeliz e entristecer-te-ia.

— Nada me entristeceria mais do que ter de me debater cegamente sob a rede de uma profecia que não conheço, mas que outros tão bem conhecem. Não acham que é insultuoso para mim? Porque hão-de outros conhecê-la e eu, a pessoa em questão, não?

— Muitas vezes, quando alguém toma conhecimento de uma profecia, pode torná-la realidade — disse Páris.

— Deixem-me livrar-me dela! — gritou Troilo, levantando-se de um salto. — Prometo tudo fazer para a evitar, mas primeiro tenho de a conhecer! — A sua cara sardenta ficou vermelha de angústia.

— Então, muito bem — disse Páris. — A profecia diz que se Troilo chegar aos vinte anos de idade, Tróia nunca será conquistada.

Troilo sorriu. — Ah! Já tenho catorze. Então tenho de evitar juntar-me à luta durante mais seis anos.

— Sim — disse Páris. — Achas que é pedir muito?

— Eu quero lutar! Terei de esperar seis anos?

— Se não quiseres ser a causa da ruína da nossa cidade — disse Páris.

— Isso não é justo! — queixou-se ele. — Eu ainda nem sequer sou soldado. Porque é que o destino da cidade há-de estar dependente de mim?

— Por razão nenhuma — não consegui evitar dizer, como alguém que já tinha sido manipulada e enganada pelos deuses. — Os deuses não usam a razão quando nos fazem as suas vis exigências.

Troilo apoiou-se nos cotovelos, esparramando-se diante da lareira. As suas pernas eram muito compridas e ele ainda estava a crescer. Podia acabar por se tornar o filho mais alto de Príamo. — Costumávamos treinar os cavalos juntos — disse ele a Páris. — Agora não é seguro montar na planície — lamentou-se. — Só posso levar os cavalos a fazer um pouco de exercício até à fonte. Não é lá muito divertido. Detesto a minha vida!

— Nunca digas isso — disse Páris. — É mau dizer-se isso. — Calou-se

e inclinou-se para a frente para afagar os cabelos de Troilo. — Troilo, tem paciência. Esta guerra não pode durar muito. Como outros já disseram, os gregos vão cansar-se de estar acampados na nossa costa e no Inverno voltarão para casa. As suas tentativas de nos fazer um cerco são lamentáveis; nós continuamos a sair e a entrar do lado de Tróia voltado para o Monte Ida. Não é assim tão mau.

Troilo suspirou. — Acho que não, mas eu continuo a detestar!

As suas palavras eram tão comuns para um jovem que não pude deixar de rir. Todos dizem que detestam a vida, quando o que querem mesmo dizer é que mal podem esperar para sair do quarto das crianças para a arena dos adultos.

*

Depois de Troilo sair — como era criança, ainda vivia no palácio dos pais e não tinha a sua própria casa —, pousei o vinho e abracei Páris por trás enquanto ele estava sentado na sua cadeira. Ele era apenas três anos mais velho que Troilo, mas parecia um ser completamente diferente. Talvez se devesse às responsabilidades que tivera enquanto pastor muito antes de ter chegado ao palácio, quando tivera de defender os seus animais com a própria vida. Talvez se devesse à sua graça em defender os pais por o terem abandonado à nascença. Independentemente do que fosse, aos dezassete anos era já um homem. E mais homem que Aquiles, com os seus enormes músculos e armadura especial, embora fossem praticamente da mesma idade.

Virei-lhe lentamente a cabeça de frente para a minha. O meu amor por ele parecia não ter fim. Era ele o verdadeiro tesouro de Tróia. Deveria ser ele a suceder a Príamo no trono. De todos os filhos de Príamo, era ele o único que tinha enfrentado a verdadeira adversidade. Eu sabia que era a voz do amor falando no meu coração, mas que fosse.

— Páris, meu querido — murmurei, emoldurando-lhe o rosto com as mãos.

Ele riu-se nervosamente e olhou para Hilo, tão silencioso que quase não dávamos pela sua presença.

— Está na hora de desejar boas-noites — disse Hilo, envergonhado, levantando-se de um salto. Saiu rapidamente da sala, fazendo uma vénia antes de se retirar e tropeçando na soleira da porta.

— Adeus — disse Páris, acenando-lhe com a cabeça. Riu-se. — Agora o nosso observador já se foi embora — disse. — É tão sossegado que nos esquecemos dele.

As palavras dele deram-me uma ideia, mas não estava ainda bem formada. — Talvez seja esse o objectivo — disse eu. Eu sentia-me desconfor-

tável com a sua presença, mas ele parecia inofensivo. Talvez eu não gostasse de ter pessoas desnecessárias por perto.

— É um miúdo triste — disse Páris. — Sofre por causa do pai, cujas acções não são culpa sua.

Eu virei-me e sentei-me ao colo dele. — Sabes qual é a tua característica mais nobre? — perguntei-lhe, beijando-lhe as faces, primeiro uma e depois a outra. — O teu apreço pelos outros.

Ele riu-se. — Essa não é uma das virtudes de um guerreiro.

— Não estou a falar de um guerreiro, mas da virtude de um homem.

*

Estávamos no aconchego do nosso adorável quarto. Não tinha havido dúvidas quanto ao quarto onde iríamos deitar-nos. Desafiando a tradição, tínhamos apenas um: o nosso. Ao contrário dos outros palácios troianos, não havia o quarto do príncipe e o quarto da princesa, mas apenas um único refúgio de dois apaixonados. Os construtores tinham obedecido ao nosso estranho pedido e nós nunca nos tínhamos arrependido.

— Meu amor, se tivéssemos mais um quarto, nunca o utilizaríamos — disse Páris. — Uma despesa desnecessária!

— Não suporto ficar longe de ti — segredei-lhe ao ouvido. Era verdade. Páris iluminava o meu mundo, iluminava os cantos do meu ser que tinham estado na escuridão.

— Nem eu de ti — murmurou ele. — E não precisamos de nos separar nunca.

Pensar que se tivesse dado ouvidos à razão, poderia ainda estar em Esparta e ele ali... eu incapaz de lhe tocar, incapaz de ouvir a sua voz, incapaz de ver aqueles olhos gloriosos, tão jovens e brilhantes, e cheios de alegria.

— Páris — murmurei. — Eles que desapareçam.

— Quem? — perguntou ele com os lábios sob os meus.

— Todos os nossos inimigos — disse eu.

— Então é toda a gente — disse ele. — Mas não me importo. São todos mal orientados, ou invejosos, ou intrometidos, ou estúpidos. O nosso amor perdurará até muito depois de todos eles estarem reduzidos a pó.

Abracei-o. Era por isto que o amava. Ele era tão jubilante, vivia o momento com tanta alegria. E o momento era o que todos tínhamos realmente: uma sucessão de momentos, uma marcha triunfal deles, para criar uma vida sem igual.

*

Tróia permanecia em sossego. Os gregos tinham-se aparentemente evaporado após aquele primeiro confronto. Era um engano pensar que estariam a embonar os navios para partirem, que o perigo tinha passado. Os troianos continuavam a vigiar as muralhas e o fortalecimento da muralha ocidental estava em marcha.

No pino do Verão, aglomerávamo-nos no interior das muralhas, como leite talhado por estar guardado tempo de mais. Nas casas abafadas desenvolviam-se discussões que nada tinham a ver com os gregos. Pessoas demasiado tempo confinadas na companhia umas das outras, a não ser que fossem amantes, depressa se fartavam. As únicas que prosperavam com a quietude eram os velhos conselheiros, que se arrastavam todos os dias pelas ruas até à sala do conselho de Príamo, revigorados por uma estagnação que lhes permitia brincar às guerras. Quando não há acção, todos os homens são guerreiros.

*

Há um dia, em cada Verão, que sussurra perfeição. Diz: *Lembra-te de mim*, e nós lembramo-nos, já no âmago do Inverno. O céu é de um azul deslumbrante, o vento suave, o calor subtil e tranquilizador. Em dias assim, encostamo-nos a um parapeito e, de olhos fechados, rendemo-nos ao sol que bate no nosso rosto. Por vezes este dia acontece logo no início da estação, outras mesmo no fim. Em Tróia, este dia visitou-nos no momento em que as velhas tinham começado a falar do Outono.

Eu tinha estado a mostrar o meu tear e o desenho emergente a algumas mulheres. Evadne tinha-se juntado a nós, mostrando-nos diferentes qualidades de lãs: como uma era grossa e crespa e podia ser usada para representar água ou erva, outra tão fina que podia representar cabelo ou dedos delgados. Andrómaca estava presente, bem como as irmãs Laódice e Ilona. Políxena não estava; quase da idade de Troilo, estavam quase sempre juntos, embora ultimamente Hilo se tivesse oferecido para estar mais tempo com eles do que gostariam. Contudo, eles não queriam magoá-lo, por isso incluíam-no com frequência.

Cassandra não se interessava por tecelagem, nem por assuntos de mulheres, e eu nunca esperava que ela aparecesse, mas sentia a falta da pequena Políxena, especialmente porque me ajudara a escolher a lã escarlate. Indaguei-me sobre onde estaria ela, mas num dia tão bonito, devia estar naturalmente fora de casa.

Tínhamo-nos afastado dos teares e ido até à janela. Também nós devíamos sair, pelo menos até às ruas de Tróia. Eu ansiava poder passear novamente pelo campo, mas isso teria de esperar. Abaixo de nós, a cidade amarela-torrada e tranquila sob o Sol do meio-dia.

— Minhas senhoras, vamos até ao caminho mais alto, o que circunda o templo, para sentirmos o vento suave — disse eu. — Num dia como este...

Um grito dilacerante, aparentemente vindo de um dos pátios, estilhaçou a calma. Parecia que alguém tinha sido empalado, com um pau atravessando-lhe o corpo. O grito reduziu-se a um lamento e depois desapareceu, como se se tivesse tratado de um último suspiro.

Um acidente horrível! Alguma criança devia ter caído sobre a lança do pai ou caído de um terraço. Agora mais um lamento. Era a mãe, parecendo gritar ainda mais alto no silêncio que rodeava a criança. Agarrei no braço de Andrómaca, como se isso pudesse parar alguma coisa, desfazer o que quer que tivesse acontecido.

Sem nada dizer, corremos todas para as escadas. Os gritos continuavam, e agora mais vozes se juntavam à primeira. Lá fora, olhámos em volta para as ruas desertas — ao meio-dia as pessoas costumavam estar em casa. Agora que estávamos ao nível do solo, as vozes pareciam vir da parte mais baixa da cidade, perto da porta mais a leste. Corremos até lá, passando por ruas laterais e pessoas curiosas que tinham saído de casa para ver o que tinha acontecido.

— Aqui, é aqui! — disse Laódice, dobrando a esquina onde a rua conduzia à porta oriental. O som tinha-se transformado num bramido. Dobrámos a esquina da última casa que nos tapava a vista do espaço aberto perto da porta e vimos Hécuba aos gritos, mãos na cara, ajoelhada ao lado de uma figura imóvel que tinha as pernas numa posição esquisita. Debruçada sobre a pessoa, estava a pequena Políxena, soluçando. Hilo estava por perto, completamente lívido. Quando nos aproximávamos, a multidão aumentou e fortes lamentações encheram o ar. Páris e Heitor apareceram, desviando as pessoas do caminho para chegarem à mãe. Vi Heitor baixar-se, olhar e depois abraçar Hécuba e tentar virar-lhe o rosto. Páris agarrou-se a Políxena, tentando confortá-la.

Príamo surgiu depois, afastando a multidão, correndo os últimos passos. A sua dor e raiva profundas estavam contidas no grito que deu quando viu o corpo caído. Quando se ajoelhou, conseguimos vislumbrar o rosto — de Troilo — voltado para o céu, o cabelo claro reluzindo como ouro ao sol.

Eu aproximei-me aos tropeções, fechando e abrindo os olhos, sempre na esperança de que, quando os abrisse, a visão desaparecesse, ou Troilo se movesse. Mas não se moveu. Tinha os braços abertos, e Páris, que chorava, endireitou-lhe as pernas. Agarrou-lhe nos pés e beijou-os, e depois segurou-os entre as mãos como se pudesse aquecê-los e reavivá-los.

Uma mancha vermelha cobria a frente da túnica. Tinha sido esfaqueado ou trespassado com uma lança. Não tinha sido nenhum acidente.

Políxena soluçava compulsivamente, lutando por ar, e balbuciava palavras como: *foi ele, ele estava à espera*.

Laódice abraçou-a. — Calma, calma — murmurou. — Respira devagar. Devagar. Pronto.

— Quem fez isto? — A voz de Heitor era tão fria como as águas do Estige.

— Foi aquele homem, aquele grego... — Hilo estava a tremer. — Fomos à fonte para dar água aos cavalos e...

— Os três? — gritou Heitor. — Troilo levou a irmã?! Pensava que tínhamos proibido até Troilo de lá ir!

A voz de Políxena ergueu-se ligeiramente. — Eu queria ir. Obriguei-o a levar-me. Estou tão farta de estar dentro das muralhas...

— Desobedeceram-me. — Hécuba mal conseguia formular palavras, de tanto que ainda tremia. — Os dois. Sabiam que não deviam sair da cidade. E agora... — Ajoelhou-se de novo e caiu sobre Troilo, cobrindo o peito ensanguentado.

— De que homem estão a falar? — perguntou Heitor. — Na fonte?

— Aquele feroz. Ele estava à nossa espera, escondido num dos lados da fonte. Eu estava a encher um pote com água e Troilo estava a levar os cavalos para a gamela quando ele... ele saltou sobre nós. Pulou como uma pantera e Troilo deixou cair as rédeas dos cavalos e fugiu, mas ele apanhou-o e... — Políxena desatou de novo a chorar, abanando a cabeça.

— Aquele homem? Aquele homem feroz? — Heitor olhou em volta. — Alguém sabe o nome dele? Ou sabem e não se atrevem a dizer?

Oh, que não fosse Menelau!

— Foi Aquiles — sussurrou Hilo. Depois caiu de joelhos e, tremendo, limpou carinhosamente a testa do amigo morto.

Acima de nós, o perfeito dia de Verão observava o sacrifício, o jovem que adorava cavalos e prados e que tinha sido privado de todos os Verões futuros e até do resto daquele dia.

*

Ao amanhecer, as ruas de Tróia estavam em silêncio enquanto caminhávamos ao lado da padiola que transportava o corpo de Troilo para o féretro. Seguir-se-iam os ritos habituais no exterior das muralhas da cidade e infeliz do grego que tentasse interrompê-los.

— Vamos dar cabo deles todos — disse Heitor, a sua voz profunda tão grave que parecia o barulho que os carros fazem sobre as pedras. Um contingente inteiro de homens armados acompanhava-nos, protegendo-nos em todos os flancos. Já tinham protegido o edifício da grande pira fune-

rária, que usava alguma da nossa preciosa madeira armazenada para o Inverno, e quando nos aproximávamos, eu vi-a erguendo-se com o céu de fundo. Uma pilha tão grande para um jovem tão franzino.

Com toda a solenidade, tiraram-no com delicadeza da padiola e colocaram-no na plataforma áspera que aguardava no cimo. Depois, cruzaram-lhe os braços sobre o peito e ajeitaram-lhe a roupa. Eu vi os seus pezinhos brancos, os pezinhos que tinham corrido pelas ruas de Tróia para ser ele o primeiro a saudar Páris no seu regresso, projectando-se rigidamente para fora da plataforma, que era demasiado curta para ele.

Tinham-se passado dois dias desde a sua morte. Ele tinha estado numa cama cerimonial, rodeado por carpideiras que tinham entoado cânticos fúnebres durante o primeiro dia. Estas tinham formado uma procissão para acompanharem a padiola até à pira, mas agora dispersavam-se, a sua tarefa concluída. O verdadeiro choro seria feito por aqueles de nós que o amavam e não seguiria qualquer ritual, mas viria e iria em vagas.

As ovelhas e cães sacrificiais foram mortos na pira, os seus corpos dispostos em redor da base, o sangue extraído. Depois, um cesto foi passado entre todos para lá colocarmos as madeixas de cabelo que tínhamos cortado mais cedo, para também elas serem colocadas em volta da pira. Potes com mel e azeite foram dispostos em redor. Eu própria tinha levado algo para colocar também na pira, para ser consumido enquanto oferenda e penitência.

Príamo, alto e coberto por uma capa encapuzada, aproximou-se da pira. Tirou o capuz e o Sol iluminou-lhe a cara enrugada. A dele tão cheia de linhas, a de Troilo tão lisa; a morte era gulosa e queria consumir apenas os mais bonitos.

— Invoco todos os deuses para vingar esta morte cruel — disse ele. — Peço ao senhor e senhora do mundo inferior que o recebam amavelmente. Sejam delicados com ele. Ele não está... não está habituado à escuridão. — A voz cedeu e Príamo afastou-se rapidamente com a tocha para incendiar a pira.

Hécuba segurou-lhe então na mão, puxou-o e, juntos, abraçados, viram as chamas erguerem-se e a madeira crepitar. O fogo alastrou-se depressa, alto e quente. Sobrepôs-se ao Sol e tapou-o.

— Agora a alma dele está livre — disse Páris. — Libertou-se do corpo. — Páris chorou. — Mas não era seu desejo libertar-se! Era feliz onde estava!

A pira arderia durante toda a noite. De manhã iríamos extinguir o último fogo latente com vinho. Depois, quando as brasas arrefecessem, os ossos seriam recolhidos e colocados numa urna; a urna seria enterrada no túmulo sagrado. Em tempos normais seguir-se-iam jogos fúnebres realizados em sua honra. Mas aqueles não eram tempos normais.

Quando regressávamos à cidade, vi manchas vermelhas na frente do meu corpete — gotas ainda húmidas que brilhavam. Toquei numa e o meu dedo ficou molhado com o que me pareceu ser sangue. Provei-o e era salgado e metálico como sangue. Mas ter-me-ia cortado? Então lembrei-me: o broche! Eu tinha usado a pedra odiosa que Menelau me tinha oferecido, tencionando atirá-la para a pira funerária de Troilo para me livrar dela. Mas, cheia de dor por causa de Troilo, tinha-me esquecido e ainda a usava.

Toquei-lhe, esperando encontrar alguma ponta aguçada que me tivesse picado. Não havia nada, mas o objecto estava escorregadio com o sangue. O sangue parecia — mas era impossível — estar a sair da própria pedra.

Quando chegámos ao palácio, afastei-me dos restantes, dirigi-me rapidamente ao quarto e despi o vestido. Evadne sabia tudo acerca daqueles assuntos. Iria perguntar-lhe. Mas, quando segurei no vestido para o examinar, não consegui ver as manchas. Virei-o ao contrário, do avesso. Tinham desaparecido e a lã estava branca como nova.

Como podiam ter desaparecido assim? Eu tinha sentido as manchas pegajosas, tinha-as até saboreado. O broche estava molhado...

O broche amaldiçoado! Páris estava certo, era mau! Menelau oferecera-mo por algum motivo obscuro.

Estava eu a alisar o vestido, observando-o com estupefacção, quando Evadne entrou.

— Aquele broche... fui suficientemente tola para o usar. Nunca lhe devia ter tocado, mas queria que fosse consumido pelas chamas... queria destruí-lo...

Ela agarrou-me nas mãos, removendo-as do vestido que eu ainda estava a acariciar. — Ou destruir Menelau? — perguntou ela. — Destruí-lo na tua mente, purgá-lo?

— Ele já não está na minha mente...

— Mas está no teu passado.

— Sim, claro, eu sei! — O que é que ela queria?

— E no teu presente.

— Ele está aqui em Tróia, sim. — As palavras dela pareciam completamente inúteis. — E estamos no presente. Mas ele não está no *meu* presente, nem na minha mente.

— Ele está no teu futuro.

— Não, isso é impossível.

— Está escrito. E eu vejo-o. O broche vê-o.

Enfiei o broche na mão dela. — Nada está escrito até eu o escrever — disse eu. — Leva esta coisa do mal e guarda-a na sua caixa.

Mas ao não lhe ordenar que o destruísse, não terei confirmado as suas palavras?

Troilo dava um banquete: o banquete do seu funeral. Os ossos tinham sido reunidos, metidos na urna e levados numa outra procissão solene pelas ruas de Tróia até ao seu túmulo rapidamente erigido. Agora o seu espírito iria ser anfitrião de um banquete no terceiro dia após a sua morte, como decretavam os costumes troianos.

Como ele era demasiado jovem para ter os próprios aposentos, o banquete teria de ser realizado no palácio do pai, que carregava o seu próprio sofrimento — Troilo não tinha vivido o suficiente para deixar a casa da mãe e do pai.

Quando entrámos na grande câmara, tivemos antes de mais de ser purificados; Teano, a sacerdotisa de Atena, despejou água sagrada sobre as nossas mãos, lavando assim a contaminação inerente ao funeral. Depois dirigimo-nos às grinaldas de flores. Um cesto cheio delas tinha sido colocado à porta. Páris e eu dobrámo-nos para as apanhar. As folhas e as coloridas flores do prado, apanhadas no perímetro exterior das muralhas, pareciam um tributo adequado ao menino que tinha perdido a vida naqueles mesmos prados.

Príamo estava à nossa espera. O fogo na lareira estava extinto, mas o odor solene a mirra, perfume dos mortos, enchia o ar. Ao seu lado, Hécuba aguardava, tensa, parecendo tão inexpressiva e desprovida de vida como a estátua de Palas Atena no templo.

Todos os filhos compareceram ao banquete. Os troianos importantes também apareceram. Príamo fez-nos sinal para que nos dirigíssemos à longa mesa, onde nos sentaríamos de acordo com o nosso estatuto. Era uma mesa de madeira áspera — ou melhor, várias juntas, já que não existia nenhuma mesa que pudesse sentar tanta gente. Ele não se sentou no lugar de honra, mas de lado.

— Peço ao meu filho Troilo que se junte a nós — disse Príamo. A voz habitualmente robusta estava fraca. — Filho, sai dos campos de Asfódelo, sai das sombras de Hades, que ainda não habitas. Estamos à tua espera. — Indicou a cadeira vazia no lugar de honra.

Uma presença pesada e profunda encheu a sala. Príamo fechou os olhos. Quando os abriu, estendeu as mãos e disse: — Minha querida família, e meus tão estimados troianos, eu, Troilo, peço que se sentem enquanto meus convidados.

Em silêncio, ocupámos os nossos lugares. Começaram a chegar escravos com pratos de cabrito acabado de assar. Outros com vinho e canecas de água. O prato funerário contendo fruta, frutos secos e raízes de asfódelo assadas foi também colocado na mesa. Mais tarde levá-lo-íamos para o túmulo.

Aos poucos, as pessoas começaram a conversar, embora com prudência.

— A memória de Troilo viverá para sempre — disse Antenor, a alguns lugares de distância de mim. A sua voz era tranquilizadora.

— Troilo ia ser um guerreiro tão bom quanto Heitor — disse Panto, o conselheiro nervoso que sabia mais sobre engenharia de portas do que de qualquer outro assunto.

— Troilo era único — disse Antímaco, sorrindo. Ergueu o copo em sua homenagem.

— À glória de Troilo! — gritou Deífobo, acenando com o braço e emborcando um copo de vinho; não o primeiro, como era óbvio.

— Não devemos falar mal dele — disse-me Páris. — Ele está aqui, por isso só podemos elogiá-lo. — Subitamente, levantou-se e observou a mesa de ponta a ponta. — Falam do futuro de Troilo, do que ele poderia ter sido. Mas eu digo que não é necessário. Ele era perfeito tal como era. Era o meu irmão mais novo e eu amava-o. — Voltou a sentar-se com os olhos cheios de lágrimas.

— Tens razão. — A voz alta e distinta de Hécuba. — Não há necessidade de invocar o que ele poderia ter sido. Se os deuses tivessem permitido, teríamos ficado felizes em tê-lo para sempre exactamente como era: um menino envolto em sol e alegria.

Mas os deuses não tinham permitido, pensei eu a chorar. Nunca permitem.

O último prato foi servido, figos e romãs: ofertas preciosas das nossas limitadas reservas.

Príamo levantou-se de novo e ergueu o seu prato. — As romãs são sagradas para vós, ó temíveis deuses dos reinos da morte. Oferecemo-vos este sacrifício dos nossos recursos, que não podem ser repostos facilmente.

Todos nos servimos do prato, a doçura dos figos anulando a acidez das romãs.

Príamo pegou num braseiro fumegante e caminhou lentamente em redor da grande mesa. — Troilo, as lágrimas cegam-me e estou relutante em deixar-te abandonar-nos. O meu desejo era manter-te aqui para sempre. Mas isso seria cruel. Temos de te deixar ir para a nova casa, a casa onde mais tarde nos juntaremos a ti. Iremos até ti, mas tu não regressarás para nós. E assim teremos de te abandonar aos deuses das profundezas. Adeus, meu querido filho. — Príamo limpou os olhos com o braço dobrado e pousou o braseiro.

Ainda em silêncio, seguimos Príamo e Hécuba, que transportavam oferendas para Troilo, até ao exterior do palácio e em direcção à rua. Tochas

iluminavam-nos o caminho e eu não consegui ver Príamo colocar as oferendas no túmulo, tantas eram as pessoas aglomeradas à sua volta.

A cerimónia terminada, Heitor dirigiu-se subitamente às pessoas: — Convido-vos a virem a minha casa — disse. — Está tudo a postos. Desejo que nos reunamos lá para continuarmos a prestar homenagem ao meu irmão.

Agora, já sem o espírito de Troilo entre nós, apressámo-nos para o palácio de Heitor. As tochas ardiam, criados aguardavam para nos servir mais comida substancial e havia vinho à descrição. Removemos as nossas grinaldas funerárias e pousámo-las no cesto fornecido para tal.

A vida invadiu os aposentos de Heitor, substituindo a morte que deambulava pelos de Príamo. Ainda aqui estamos, prometeram as pessoas a si mesmas. Estamos aqui para defender Tróia, para derrotar os nossos inimigos. Temos de fazer o que nos for exigido, mas temos de prevalecer. Não podemos falhar. Lutamos para proteger as nossas próprias vidas, a nossa sobrevivência. De facto, a nossa própria existência. O coro mudo era este: Nunca precisámos de nos defender desta forma. Conseguiremos? Seremos realmente capazes?



HEITOR tinha preparado tudo; enquanto herdeiro e irmão mais velho de Troilo, era sua obrigação. O seu palácio era como ele próprio: tradicional e forte. Antes de termos construído o nosso, o dele era o melhor da cidade-la. E ainda era considerado um dos mais bonitos.

— Os gostos mudam — dissera diplomaticamente Heitor quando vira pela primeira vez o nosso. Andrómaca disse-me em privado que gostava e que desejava que o deles pudesse ter um ou dois quartos sem os terríveis guerreiros decorativos marchando pelas paredes. Naquele momento recebia-nos no *megarón* — um *megarón* como todos os outros em que eu já estivera.

Gelanor dissera certa vez: *Mostrem-me a mulher, o carro e a casa de um homem, e eu poderei dizer-vos tudo sobre ele*. Naquele momento, eu olhava para Andrómaca e para o *megarón* e pensava: sim, reflectem Heitor: convencionais, mas sempre de bom gosto. Heitor nunca se envergonharia com o comportamento da mulher, nunca escolheria uma mulher capaz de tal.

— Estamos aqui reunidos em memória do nosso querido Troilo — disse Heitor, erguendo as mãos unidas. — Um banquete fúnebre requer comidas e rituais especiais, e já cumprimos esse dever. Agora estamos aqui para nos consolarmos na nossa perda, o melhor que soubermos. — Apontou para os escravos com taças, vinho e comida. — Tudo isto será posto na mesa para partilharmos de acordo com o nosso desejo.

Todos se dirigiram à mesa, embora fosse pouco provável que alguém sentisse fome.

Páris viu Políxena momentaneamente sozinha e, puxando-me pela mão, aproximou-se dela. Ela estava muito sossegada, com um copo na mão — mas mais para ter algo nas mãos do que por desejo de beber o vinho — e a olhar inexpressivamente para as pessoas.

— Políxena — disse Páris, tentando abraçá-la. — Viste o que ninguém, e muito menos tu, deveria ter visto. Devia ter caído sobre ombros mais largos e velhos.

— De certa forma terrível, estou grata por ter estado lá, embora isso vá marcar para sempre as minhas lembranças. — A voz dela era tão suave que eu quase não conseguia ouvi-la e isso fez com que eu me aproximasse mais.

— Eu devia ter estado com ele — disse Páris. — Eu devia ter estado no teu lugar.

Ela sorriu de uma forma muito ligeira. — Mas porquê? Troilo e eu éramos amigos e passávamos muito tempo juntos. Era natural que fosse eu a estar presente.

— Sim — disse Páris. — Mas lamento isso.

— Achas que se tivesses estado lá, poderias ter evitado o que aconteceu? — disse ela numa voz doce. — Garanto-te que ele estava à espera de Troilo. Ele queria matá-lo. Foi uma missão e não um acontecimento casual. De alguma forma, ele sabia que nós íamos estar ali... — A voz cedeu. — E para quê? — disse ela, subitamente em lágrimas. — Como se Troilo fosse uma ameaça para alguém!

Uma figura aproximou-se de nós, como que atraída pelas nossas vozes. Era Heleno, o peculiar gémeo de Cassandra. Tinha o mesmo cabelo ruivo, a mesma pele branca, os mesmos olhos impiedosos. — Vejo que falam de Troilo — disse ele. Até a sua voz, sem dúvida com intenção de ser consoladora e encantadora, parecia mais o som suave que uma cobra faz ao deslizar sobre rochas e seixos: seco, áspero, ameaçador. Cultivá-lo-ia como parte da sua postura enquanto escarnekedor?

— É natural que falemos dele — disse Páris. — Esta reunião é em sua homenagem e acabámos de enterrar os seus ossos.

— Mas ouvi-te perguntar uma coisa... ou estarei errado?... Acerca de Aquiles ter tencionado matar Troilo. Existia, e existe, uma profecia...

— Não fales nisso! — Páris agarrou com força o ombro de Heleno. — Já acabou.

— Foi cumprida — disse Heleno com tristeza. Expirou pesadamente. — Felizmente existem outras. Todas serão cumpridas antes da queda de Tróia. Tróia não cairá a não ser que o filho de Aquiles se junte à expedição. Depois disso...

— Então uma já está cumprida — interrompeu Políxena.

Heleno contraiu os lábios. — Sim. Uma. Mas ainda existem várias entre nós e a derrota. As flechas de Hércules, na posse de Filoctetes, têm de ser usadas contra nós, mas Filoctetes foi abandonado na ilha de Lemnos por causa de uma mordedura de cobra infectada... graças aos deuses. Ele não constitui perigo imediato.

— Quais são as outras? — perguntou Páris.

De repente, o tagarela Heleno olhou em volta, alarmado. — Talvez eu não devesse dizer. Confio em ti, mas como tinha Aquiles conhecimento de

Troilo e da profecia? Era um assunto muito sigiloso. Receio que tenhamos um informante no nosso seio.

— Então segreda-me ao ouvido — disse Páris.

Heleno inclinou-se, afastando para trás o cabelo ruivo liso, e murmurou ao ouvido de Páris. Eu vi Páris franzir o sobrolho. — Acho que essas coisas nunca irão concretizar-se — disse ele. Eu sabia que poderia mais tarde perguntar-lhe do que se tratava.

A sala enchia-se agora de vozes; pareciam o zunido das abelhas num dia quente de Verão. Algures do lado de fora das muralhas, as pessoas ainda se deitavam debaixo de uma árvore e ouviam abelhas verdadeiras. Interroguei-me se Eneias e a sua família o fariam. Ele havia sido sensato em deixar Tróia e em voltar para a Dardânia; ainda eram livres na sua terra.

Um grupo dos conselheiros e guerreiros mais velhos estava reunido numa das extremidades da mesa, e Páris dirigiu-se a eles, arrastando-me consigo. Eram os velhos mastins de guerra, Antímaco, Pandáreo, Esaco e Panto. Vi que Antenor, enquanto alguém que aconselhava paz e negociações, estava no outro extremo do salão, excluído — ou ter-se-ia excluído a si próprio?

— É como vos digo, precisamos de dar cabo deles onde eles estão. Incendiar os seus barcos! — Antímaco falava bem alto; da sua parte não havia preocupação nenhuma com espões. — A Lua em breve estará cheia e teremos bastante luz. Eu digo que é hora de atacar!

Dois grupos ansiosos pela Lua cheia: amantes e soldados. A forte luminosidade podia servir muitos objectivos.

Pandáreo objectou. — Quantos poderíamos vencer numa missão de ataque? É verdade, talvez consigamos fazer alguns ataques-surpresa e incendiar alguns navios, mas depois ficaríamos presos no acampamento deles.

Antímaco bufou. — Então enviem um grupo que não espere regressar, mas que possa causar estragos antes de eles serem eliminados. — Já tinha os pés afastados numa pose de desafio. — Um ataque bem planeado pode reverter tudo — disse ele. — Recrutemos um grupo de homens valentes dispostos a isto. Poderão salvar-nos de mais guerra.

— Nunca conseguirás convencer Príamo — disse Esaco.

— Então Heitor — disse Antímaco. — Falemos com ele.

— Príamo ainda é rei. É ele quem deve orientar a estratégia.

— A estratégia não é o forte dos velhos. — Antímaco olhou furiosamente para os rostos que o rodeavam, quando ele se aproximava perigosamente da traição.

— Os velhos têm uma visão que nós podemos não ter — disse Pandáreo, recuando do círculo. — Temos de honrar isso.

Antímaco encolheu os ombros. — Então eu quero que se lembrem dis-

to nos dias que aí vêm: Antímaco aconselhou um ataque rápido e preventivo para lhes quebrar a vontade e o espírito. — Levantou as mãos grandes. — Qualquer outra coisa é deixar o inimigo ditar os termos da luta. Dar-lhes vantagem. Sabem bem que guerra de cerco é desastrosamente dispendiosa. Os nossos vizinhos a leste são peritos nisso. Usam engenheiros, sapadores, aríetes. Isso é um cerco activo. Os gregos não têm esses meios. Vão recorrer a um cerco passivo: circundam-nos e obrigam-nos a morrer à fome. A presença deles já afastou as embarcações comerciais que navegavam o Helesponto e acabou com a nossa feira de comércio. Desejam perecer de forma tão apagada? Definharem, serem derrotados por um exército enfadonho que não fez nada a não ser acampar nas nossas terras? Eu digo, esmaguemo-los! E agora! Eles darão meia volta e correrão para casa.

Seguiu-se um burburinho entre todos. O que ele dizia fazia sentido. De facto, eles eram a essência do astuto planeamento estratégico. Mas não era ele o comandante supremo, era Heitor. E Heitor, por seu lado, estava sujeito às ordens de Príamo. Páris recordou-lhe isso.

— Heitor conta demasiado com proeza e bravura individuais — disse Antímaco. — Acreditem, não é assim que se vencem guerras. É antecipando-nos ao inimigo e depois atacando-o, de forma justa ou não, nos seus pontos fracos, com a nossa força. Há quem diga que não há glória nisso. Eu pergunto: onde está a glória de se lutar com bravura por uma causa perdida? Usem as vossas cabeças, homens, bem como a força de braços!

Panto avançou. — Tenho estado a trabalhar nuns mecanismos novos de disparo para as nossas portas — disse a Antímaco. — Quando o inimigo os pisar, libertará as areias escaldantes sobre si.

Antímaco riu-se. — Se o inimigo conseguir atravessar as portas, já será um pouco tarde de mais. Precisamos de chegar primeiro às portas *deles*. Mas agradeço-te, Panto, pelos teus esforços.

Panto olhou perplexo do seu modo humilde. — Mas trata-se de um plano inovador e inteligente — protestou.

— Um plano para os tímidos que se acobardam atrás das muralhas! — disse Antímaco. — Pareces uma carroça com um par de bois pachorrentos e treinados para não se desviarem do caminho. — Olhou em volta. — Isso pode ser perdoado num animal pachorrento, que não tem raciocínio, mas para um rei e um povo... — Afastou-se abruptamente. As palavras agrestes não disfarçavam o nervosismo nem o medo.

Heitor aproximou-se a passos largos no momento em que Antímaco se retirava. — Que se passa, meus bons soldados? Estão a discutir?

A sua simples presença e o seu rosto nobre pareciam contrariar as preocupações que Antímaco tinha levantado. — Que se passa? — pressionou ele.

— Nada, senhor — disse Panto, abrindo bem as mãos. — Estávamos apenas a falar do facto maçador de os gregos terem afugentado os mercados que costumavam apinhar as nossas terras nesta época do ano. — Riu-se. — Um aborrecimento menor, e no próximo ano estarão de regresso em força.

Heitor sorriu e cruzou os braços musculados. — Esperemos que assim seja, Panto. Esperemos.

*

Exaustos, Páris e eu quase rastejámos até à nossa cama. O dia tinha estado repleto de dor e eu sentia-me como se tivesse sido espancada. Se tivesse sido o meu corpo a absorver os golpes em vez do coração, eu estaria coberta de feridas. Assim, quase não conseguia mover-me. Páris deitou-se de costas ao meu lado a olhar para o tecto.

— Acabou — disse eu finalmente. Ele não respondeu. — Este dia terminou finalmente.

— Nunca terminará — disse ele. — Troilo fará sempre falta às nossas vidas. — A sua voz era apagada e desconsolada.

— Eu queria dizer... que o pior já passou. O funeral e o banquete onde ele teve de desempenhar o papel de anfitrião. Eu *senti-o* naquela sala, e tu?

— Também. Ele estava lá. E eu queria arrancá-lo do ar e obrigá-lo a assumir de novo uma forma carnal. Helena... eu matei-o. Não consigo suportar isso.

— Foi Aquiles quem o matou, Páris. Não tu.

Os olhos de Páris encheram-se de lágrimas. — Troilo. Heitor disse-me que quando Troilo era bebé, uma das suas memórias mais remotas era de Hécuba segurando-o nos braços e ele esticando o bracinho para lhe puxar os cabelos. — Apesar de triste, Páris sorriu. — Ela deu-lhe uma palmada na mão. Hécuba detestava que alguém lhe mexesse no cabelo. E ainda detesta.

A imagem de Troilo, enquanto bebé sorridente e feliz, foi como uma punhalada. — Páris, se ao menos tivéssemos tido um bebé como Troilo... — Agora eu ansiava ardentemente por esse filho perdido.

— Estás doida? — A voz de Páris passou de apagada a agressiva, e ele sentou-se. — Para também ele ser morto? Não matámos já gente suficiente? Já te disse que fui eu quem matou Troilo! Pois se eu não tivesse... feito o que fiz, Aquiles não estaria aqui!

— Foi o que *nós* fizemos — disse eu. — Não foste tu sozinho, mas nós os dois juntos. E... — De repente senti-me defraudada, atacada injusta-

mente. — A minha mãe matou-se! E os meus irmãos... quem sabe como morreram? Tive mais perdas que tu! E a minha filha, perdi-a...

— Nós dissemos que estávamos dispostos a pagar o preço.

— Mas, aparentemente, tu não estavas! — Pronto, estava dito. Ele estava contente com as minhas perdas, mas, agora que Troilo tinha sido sacrificado, a história era outra.

— Não me parece que saibamos realmente qual é o preço até sermos confrontados com ele. Mas agora, neste mundo que criámos, ter um filho ou sequer pensar nisso... — Abanou a cabeça. — Oh, Helena, estou a sofrer muito!

— Eu sei — disse eu. — Eu também estou.

— Devíamos ser nós a morrer e não os outros. Para mim seria mais fácil morrer.

— Talvez morramos — disse eu. Como se isso fosse algum consolo.